

**João do Rio**

**A PROFISSÃO DE JACQUES PEDREIRA**

I

*Recepção íntima*

- Mais um bolo?
- Obrigada. Ouvimos o Chagas. Está famoso.
- Oh! Dando apenas as últimas alcunhas do Lírico...
- Aposto que não sabe...
- A do presidente ou a do cardeal?

A Sr.<sup>a</sup> de Melo e Sousa parou, olhando a sala. Seria inconveniente perguntar a alcunha de alguma pessoa presente. A Sra. de Melo e Sousa era muito bem-educada desde criança.

- Por exemplo, a do Florimundo - atalhou a menina Laura Gomes, que não era bem-educada.
- Ah! essa é o *puzzle*- fez o Chagas olhando o sujeito ao fundo.
- Por quê?
- Ora! Porque esgota a paciência dos credores e é mudo como um peixe.

As senhoras fingiram rir. As primeiras alcunhas tinham sido mais felizes. Era, naquele inverno, a recepção inicial da Sra. Gomes Pedreira.

Mme. Gomes Pedreira, Malvina para os íntimos, com os seus cinqüenta anos discretos posto que adiposos, afadigava-se em recepções. Com dois filhos apenas, Jacques, cujo curso de Direito se completara dias antes, e Gastão, ainda num equiparado de padres, distante, era ela quem dirigia o serviço, preparava os bolos nas pratarias, revolucionava a pouca vontade evidente dos criados. Podia ter uma governante. Era, porém, uma questão de hábito. A força do hábito obrigava-a. Todos os anos invariavelmente em Petrópolis, decidia não abrir mais a sua sala do Rio em dias certos. Em seguida, continuava a fazer o que fizera no ano anterior. Continuar é ainda uma das ações mais fáceis deste mundo, que a calúnia chama hostil. Assim, Malvina descia de Petrópolis sempre numa linda manhã de abril, acompanhada por muitas malas e por duas criadas. A sua primeira frase era invariavelmente a mesma:

- Meu Deus! que calor faz cá!

Em seguida tomava um carro. Ao chegar a sua residência de Botafogo, vasto casarão apalacetado, presente de noivado que o marido já hipotecara, repetia também invariavelmente:

- Santo Deus! Em que estado puseram a minha casa!

E encetava uma arrumação geral. Aborreciam-se todos os criados, os patrões, ela principalmente, e, acabada a arrumação, a casa era cada vez mais a mesma coisa. Ao cabo de um mês, não tendo outro meio para se enfezar e enfezar os serviços, marcava o dia da abertura

semanal dos seus salões. Temperamento.

Naquele ano fora tal qual. A Sra. Gomes Pedreira passara quatro meses desesperados na cidade de verão. Como seu marido, o célebre advogado Gomes Pedreira, consultor de várias companhias inglesas, era um fino homem, muito relacionado, a esposa vivia numa roda-viva, sempre a aceitar e oferecer (oferecer mais, sempre), almoços, jantares, festas a ilustres conhecidos, quase desconhecidos e mesmo por conhecer. Gente bem cotada, eles! Isso irritava-a. Seria decerto pior entretanto se não tivesse tantas relações. Ao demais, os rapazes inquietavam-na. Gastão, em férias, alugara um cavalo e um automóvel (ambas as conduções ao mesmo tempo), e fizera por questões de recibos escândalo num certo campo de *lawn tennis* da melhor roda, em que os freqüentadores se dividiam em dois grupos: o das trouxas e o das assanhadas. Enquanto o último rebento agitava, de tal sorte o Piabanha, Jacques teimava em ficar no Rio, no calor do Rio! com o plano vulgar de cair na pândega. E fora ao exagero, levava ao próprio lar um bando de estróinas e de mulheres alegres, a que oferecera uma ceia naturalmente alegre. Nunca na sua vida a pobre senhora tivera emoção tão violenta como quando soube da cena...

- É um escândalo!

- Sabes lá se eram alegres? - dizia o esposo conciliante. - Depois, simples boatos!

- Não, desta vez parto.

Desceu quatro dias antes do que era costume, modificou a sua frase inicial da Prainha, porque ao chegar logo exclamou:

- Nunca senti tanto calor na minha vida.

E foi tudo. Em casa, como nada havia de anormal, não teve coragem para falar a Jacques, receosa de perder uma hipotética força moral, assim como não se resolvera a cortar em Petrópolis o cavalo, o automóvel (ambas as conduções ao mesmo tempo) e as insolências sociais do jovem Gastão. No fundo, muito boa senhora. Um mês depois, abria os salões. Era aborrecidíssimo, mas sentir-se-ia diminuída se o não fizesse. Que diria o mundo?

As recepções de Mme. Gomes Pedreira representavam de fato várias coisas solenes. Em primeiro lugar a tradição. Há dez anos, Malvina, em pleno outono sem fatuidade, tinha o seu dia, era das raras antes da Avenida. Além do mais a sua casa fazia-se uma espécie de campo de honra neutro-conservador. Lá se encontravam todos os capazes de ter vencido ou de vencer, e os capazes se davam o ar do melhor tom. O palacete, todo num pavimento assobradado, em meio do jardim parecia bem. Nesses dias de importância abriam a sociedade que os visitava, o grande salão da frente, com janelas para a rua e muito pouco mobilado, como à espera sempre de um baile imprevisto, o pequeno salão com um piano de cauda e algumas tapeçarias autenticamente falsas e a casa de jantar, em estilo manuelino sobre embuia, presente de uma associação portuguesa ao advogado. Não era bem um *five-o'clock*. Nem uma *sauterie*. Nem uma recepção. Tinha dos três - era o dia de Mme. Pedreira. Não raro as senhorinhas e os rapazes faziam, isto é, acabavam por fazer umas valsas no grande, nu e encerado salão. Os *sandwiches*, os doces, os bolos, os licores e os vinhos da mesa da casa de jantar desapareciam infalivelmente. Mas na pequena sala aconchegada, servia-se o chá com um ar distinto. Nesse dia, Malvina estava intimamente satisfeita. Os doces estavam a ser muito gabados, o criado, um italiano novo, servia bem e havia na peça intermediária entre a dança e a comedoria a nata das suas relações. Era como se estivesse no Lírico, numa noite em que não se canta nenhum drama de Wagner.

Entre as senhoras de raça - é tão difícil fazer questão de raça! - havia a Viscondessa de Muripinim, encardida relíquia da monarquia, chegada de Cannes, onde acabava de assistir ao batizado do príncipe herdeiro, o primeiro rebento de D. Luis, que ela conhecera menino; a Sra. de Melo e Sousa, de uma estirpe de diplomatas, a mais inteligente dama da sociedade. E ao

lado dessas senhoras, as três Praxedes, esposa e filhas do negociante Praxedes, a encantadora Eleonora Parckett e a baronesa sua mãe, a Viuvinha Ada Pereira, Graça Feijó, a mais parisiense das cariocas, mulher de um banqueiro e filha de um milionário, o casal Gomensoro, ele secretário de Legação, ela Etelvina, com o ar de Mme. Benhe Bady, nas peças de Bataille, cantando deliciosamente e tendo o cuidado de elevar o seu refinamento a ser falada nos jornais como Etelvina Gomensoro, *née* d'Ataide; a condessa do Papa Rosalina Gomes, perfeita de ingenuidade, uma verdadeira criança; a sempre modesta esposa do jornalista proprietário Altamiro, com um vestido que devia ter custado no Paquin muitos bilhetes azuis e; a fascinante Luísa Frias, um tânagra vivo, coberta de pérolas (dizem que muitas falsas), porque é moda em Paris a pérola, assim como Gina Malperle, a filha do eterno cônsul do Cobrado, com corais rosas e brilhantes para conservar o ar da 5.<sup>a</sup> Avenida, o tom *fuftly*, o aspecto americano; a bela Mme. Andrade (bela há vinte anos irrevogavelmente!), a bela Mme. Gouveia (bela há dez anos fixamente!), a bela Mme. Zurich (bela há cinco anos só felizmente), três irmãs irreconciliáveis no predomínio da beleza. Quanta gente! Mme. Pedreira consegue mesmo mostrar na sua sociedade a jovem esposa milionária do Deputado Arcanjo dos Santos, rio-grandense, filha de um estancieiro poderoso. Como tem um vestido acintosamente caro e os seus lindos olhos mostram uma gula desdenhosa pelo meio, Alice dos Santos só encontra cordialidade natural na Sr.<sup>a</sup> de Melo e Sousa.

- Sou muito medrosa. Só estive em Buenos Aires.

- E em Paris?

- Vou agora, V. Exa. não imagina a vontade...

A Sra. de Melo sorri boamente.

- Não me dê excelência, por favor.

- A culpa é de meu marido, que é deputado. Em casa tudo é excelência.

- E que tal a recepção?

- Olhe, faz-me o efeito de um teatro.

- As recepções são sempre um primeiro ato de peças que principiam ou já acabaram quando elas começam...

Alice olha. Realmente. No salão de jantar, devorando *sandwiches* as Praxedes, a mãe e as duas filhas fazem o seu *flirt* com o impecável Bruno Sá e o lindo Dr. Suzel, lindo como um pajem de gravura dos contos de Boccaccio. A Condessa Rosalina come há vinte minutos a terça parte de um bolo, conversando com o ex-dom-juan Anselmo de Araújo, sempre petulante e juvenil. No salão, várias meninas e vários rapazes, to dos muito bem vestidos, com um ar de superioridade, desconfiado de que essa superioridade venha a desaparecer de um momento para outro, valsam. É uma valsa francesa, feita para os casinos de Nice e da Riviera, - valsa escrita decerto por maestros divorciados. Às janelas há nomes ilustres, e neste mesmo salão, onde Graça Feijó, Etelvina Gomensoro, *née* d'Ataide e o distinto Gomensoro fazem a um canto uma partida de *bridge*, para não perderem a linha parisiense, ela vê, rindo com Gina Malperle, um homem magro, bem vestido, e um velho alto de monóculo.

- Quem são?

- Não conhece? Godofredo de Alencar, homem de letras que se dá com políticos de importância. O outro é o Barão Belfort, tipo muito curioso, que posa para alarmar toda essa gente.

- Ricos?

- O primeiro de esperanças. O segundo solidamente, o que é raro por cá.

A valsa cessara. Quem tocara, tendo ao lado o Chagas a fingir que virava as páginas, fora a jovem Laura da Gama.

- Também quero eu um pouco!
- Estava tão bom.
- Tão bom o quê?
- A valsa.
- Olhe, venha cá, ainda não lhe disseram o seu apelido?
- Já.
- Aposto que não.
- Mas não admito que diga, porque digo o seu.
- Ora!
- Qual é? - interrogou Alice.
- Não indague, porque diz o seu. É um traidor!

Carlos Chagas, Charlot para todos, de idade e de profissão indefinidas, era um elemento mundano de primeira ordem. Como estava em moda darem-se uns aos outros alcunhas, deram-lhe o apelido de "Ganhou o macaco". Esse apelido tinha o dom de irritá-lo. Era também a única coisa que o irritava. Diante do olhar de Alice em que se anunciavam todas as possibilidades e todas as vontades, ao mesmo tempo que considerava a estancieira parlamentar pelo lado prazer, estava com o apetite de dizer ali a insolente alcunha de cada uma das três senhoras. Calou-se porém. O *buffet* renovara de apreciadores. O Dr. Justino Pedreira aparecia a conversar com dois cavalheiros que pareciam ricos e influentes. Charlot tinha um grande respeito por quem parecesse rico ou influente. E de um deles lera nos jornais da oposição que ficara com trezentos contos de uma tremenda roubalheira aos cofres do Estado. Era um homem digno de atenções. Não só dele. De toda gente. E de outro lado, enfim fatigada de fazer o *bridge*, Etelvina Gomensoro, *née* d'Ataíde, surgia pelo braço de seu marido, rindo como se estivessem em casa ou fossem os dois os subprefeitos da "Sociedade onde a gente se aborrece".

- Estão alegres?...
- Não, imaginem vocês o Comendador Praxedes...
- O escafandro? - indagou logo Charlot.
- Ah! sim, o escafandro, que quer por força aprender o *bridge* com a Graça.
- Nunca aprenderá.
- Um jogo *chic*.
- Pois claro.
- E se nos desse o prazer de ouvi-la um pouco?
- A sua recepção está tão alegre.
- É preciso elevá-la. Nestes dias da Malvina tenho o receio de convidar muitos artistas para que as recepções não tenham urna importância que não devem ter e não passem o limite da

intimidade. Mas quando no nosso meio há uma grande artista!...

- É o céu que a envia.

Etelvina Gomensoro, *née* d'Ataíde, bebia a ambrosia do elogio como uma verdadeira artista e o jovem Gomensoro, escanhado, com o aspecto simpático de um espanhol educado em Londres, irradiava esse mesmo prazer. Em torno, o Feijó e a linda esposa, Mme Gomes Pedreira com a sua pesada autoridade de dona de casa, a fascinante Luísa Frias pediam um trecho de música. Mesmo Mme. Rosalina, Condessa Gomes, dizia com a sua irreduzível ingenuidade:

- Eu gosto tanto de música; é tão romântico!

E o Barão Belfort, o homem mais viajado do Brasil; e Alencar, Godofredo de Alencar, que escrevia crônicas mundanas de um sabor tão estrangeiro, pediam discretamente. Charlor bateu palmas.

Então, Etelvina, foi até o piano. Houve um silêncio. Ela ia cantar numa toada de sonho, os versos de Sully. E a sua frase surgiu como um bordado de ouro na renda da música:

Quand on est sous l'enchantement  
D'une faveur d'amour nouvelle  
On s'en défendrait vainement  
Tout le révèle.

Neste momento, com um passo macio e seguro, a fronte lisa de moço, os cabelos negros tão passados de escova e concreto que pareciam de ônix, o *frack* de uma linha impecável, a gravata branca com uma pérola escura, surgiu à porta da sala de jantar um jovem. Mme de Melo e Sousa acenou-lhe com o leque. Ele adiantou-se devagar até o canapé em que a ilustre dama conversava com a admirada Alice dos Santos. As suas mãos largas e bem tratadas estenderam-se para ambas num gesto natural de força íntima. Depois sentou-se entre as duas.

- Já se conheciam? - indagou Mm' de Melo e Sousa.

- Desde anteontem.

- Foi no Lírico.

- Psiu, falem baixo...

A voz de Etelvina enchia a sala d'amor:

Comme fuit l'or entre les doigts  
Le trop plem du bonheur qu'on sème  
Par le regard, le pas, la voix  
Crie: Elle m'aime.

A Melo e Sousa sussurrou:

- E eu que antegozava o prazer de apresentá-lo! Eis Jacques Pedreira, um menino de maus costumes!

Alice dos Santos sorria. A ave do paraíso que pousava nos seus cabelos, graças a uma modista inimiga dos horizontes, arfava. E Jacques sentado entre o outono e o verão, cumprimentava, com um alegre riso os seus amigos; o Barão Belfort, Alencar, que dera uma tão linda nota do curso que ele não fizera e a bela Mme. Gouveia, e a belíssima Mme. Andrade, e Graça, como que abstrata...

Nas recepções de Mme Pedreira, a senhora artista era um dos números certos. Todos os números eram mais ou menos certos. Havia a chegada, as conversas gerais de uma desoladora

e importante insignificância, as conversas nos pequenos grupos em que seriamente as damas conversavam ou com os próprios *flirts* ou dos *flirts* alheios, algumas valsas, passeios aos bolos, um número de música e um número de literatura, em geral versos. O número de música dava ensejo a conversarem baixo d'outra cousa, negócios, mal do próximo. O literário era um sinal de partida. Etelvina Gomensoro, *née* d'Ataide, era deliciosa, porém.

La vie est bonne, on la bénit  
On rend justice à la nature!

Uma prolongada salva de palmas. A cantora fez um cumprimento quase *plongeon*, como se estivesse em Rambouillet, diante do Imperador. Era admirável. Um movimento geral estabeleceu-se que parecia de partida em parte. Malvina Pedreira deu com seu filho.

- Até que enfim! onde esteve até agora?

- Dormindo, mamã.

- Vejam vocês. Um homem de dezoito anos dormindo até às cinco da tarde!

- Perdão, mamã, até às duas.

- É que entra pela manhã em casa. Um bacharel!

- Desde anteontem.

- Verdade é que o barão diz que não tens culpa alguma... Ah! minha querida, veja se me dá juízo ao Jacques...

E partiu solene. Alice dos Santos estava de pé. A ilustre Melo e Sousa sorriu.

- Esta Malvina acaba nomeando-me governante moral da casa... Jacques estava sério, com as mãos nos bolsos, sério e confidencial.

- A mãe, não tem nada. O velho é que é. Imaginem! Quer que eu vá trabalhar para o consultório! Eu! Já tem lá uma escrivaninha.

- Mas então, advogado...

- Não tenho culpa nenhuma... Então, D. Alice, como vai de cidade?

- Se nos levasse a beber um cálice do Porto?

- Enquanto é tempo.

Alice precipitou-se. Mme. de Melo e Sousa acompanhou-os a querer desvendar a significação da frase, porque ela tinha de fato, ou podia ter três significações. Enquanto é tempo porque a recepção ia acabar. Enquanto é tempo porque talvez não houvesse mais nem migalha. Enquanto é tempo de escapar aos versos do Dr. Inocêncio Guedes, rico político de Goiás, que ia decerto recitar o seu fatal *Smart-Ball*.

Smart-Ball, epíteto galante de uma sociedade...

Na sala de jantar parecia, de resto, ter passado a possibilidade de um batalhão argentino. Jacques que se olhara num dos espelhos, à exclamação pesarosa de Alice, não teve a menor contrariedade. Enfiou as mãos nos bolsos da calça e disse:

- Não tem nada, acompanhem-me; deve haver na outra sala.

Entraram na sala de jantar de todos os dias, modestíssima, dando para a copa e para um

terraço, de onde se debruçavam também as cozinhas. Mme. de Melo e Sousa gozava aquele *aplombdo* seu querido Jacques. Alice parecia acanhada. E o querido Jacques bateu palmas, mandou vir o vinho, marmelada.

- Se tomassem um caldo? Só aturar uma recepção inteira da mamã! O Barão Belfort diz que o prepara para não sair do purgatório nunca mais. - Depois pegando a mão de Alice: - Bonitos esses brilhantes. São de cá?

- São.

- Jóias compram-se em Paris. Tomam o caldo?

Nenhuma quis o caldo. A milionária estancieira aproximou-se do terraço.

- Está a tarde bonita.

- Está - fez Jacques, que aborrecia a poesia.

- Que é aquilo?

- É um telheiro, que serve de *garage*. O Jesuíno...

- Que Jesuíno?

- O velho. Tem só um automóvel, aliás sempre em conserto. Mas é bonito. Quer vê-lo?

Era extravagante acabar aquela recepção no quintal. Mme. de Melo e Sousa estava seduzida. As duas damas desceram, erguendo muito os vestidos. Jacques, absolutamente sério, mostrou o telheiro e o automóvel, como um jovem *lord* inglês mostraria os seus domínios, parques e castelos. Em seguida continuou:

- A senhora é do Rio Grande. Não há árvores grandes por lá, pois não?

- Quem lhe disse?

- Mas não há uma jaqueira, uma grande mangueira...

- A jaqueira vejo eu - interrompeu a notável Melo e Sousa.

- É porque a mangueira fica ao fundo. Tem até um balouço.

- Para você?

- Não. Eu faço barra fixa, paralelas.

Realmente, ao fundo, havia uma vasta mangueira, com um balouço. Os três olharam para a árvore com poderosa admiração. Parecia que nenhum enfrentara assim de perto com uma espécie botânica tão grande. Depois, Alice soltou uma gargalhada.

- De que ri?

- Rio, porque gostaria de baloiçar-me. É uma idéia louca.

- Pois trepe.

- Perdoe V. Exa. como diz meu marido, mas já, seria inconveniente.

- Ora menina, por quê? É só imaginar que a recepção da Malvina é uma *garden party*.

- D. Argemira é capaz de imaginar o dia de mamã até um baile de máscaras.

- Jacques, por quem é, sou a melhor amiga de sua mãe.

- Por isso mesmo...

Com autoridade sentou Alice no baloiço, arrumou-lhe os vestidos, aliás inconvenientes para semelhante exercício e impulsionou o balanço. A rio-grandense ardente dava gritinhos, não de medo - uma rio-grandense nunca tem medo - mas de prazer. Argemira de Melo e Sousa colocara o seu *face-à-main* para admirar melhor os vôos do lindo pássaro. Jacques não parecia ter feito outra coisa na sua vida senão empurrar baloiços. Era magistral. E, de repente, diante deles, precedidos de um criado em mangas de camisa, cujo sorriso parecia o de um agente secreto, surgiram, Arcanjo, marido e deputado, e Mme. Pedreira, mãe e anfitriã.

D. Malvina tinha já o sorriso verde da máxima contrariedade:

- Com que então aqui?

- Os três!

- E nós a procurá-los. O Dr. Arcanjo estava assustadíssimo. Eu e seu pai também.

- Oh! - conciliou Mme. de Melo e Sousa - nem pensávamos que davam pela nossa falta. O Inocêncio ia recitar...

- Recitou, recitou todo o *Smart-Ball*.

- É a sexta vez que ouço aquele trabalho - atalhou Arcanjo. - Muito mimoso.

- Imensamente. E estamos a procurar D. Alice os dois, porque não há mais ninguém.

- Que me dizes! Acabado o dia? Então viva o dia!

- Valha-me Deus! Uma criança este meu filho. Que diz, doutor, não é da minha opinião?

Arcanjo, habituado ao Congresso, sem saber a opinião da venerável senhora, curvou-se:

- Sou da opinião de V. Exa..

Fazia como na Câmara. Argemira riu. O frio desapareceu.

- Mas não fiquemos aqui. Levemos D. Alice até à porta...

Jacques deu o braço a Alice. Viu que devia dar o outro a Argemira. Seguiu com as duas damas, pensando que seu pai o esperava para uma hora de ordens e conselhos. Até perdia o prazer de ser amável!... E enquanto pela aléia do jardim assim conduzia duas damas, sua mãe, atrás, falava seriamente com o Deputado Arcanjo.

- Cinco horas, doutor. Quase noite. Como fatigam as recepções! Ah! se pudesse ver-me livre desse trabalho!

- V. Exa. tem razão, realmente o convívio social instrui, mas estafa...

## II

### *Um jovem contemporâneo*

Jacques entrou nos aposentos do seu pai, um pouco aborrecido. O importante consultor de várias companhias estrangeiras, pelas contingências de uma vida de advocacia forçadamente administrativa, acostumara-se a dobrar o temperamento, a fingir, a representar. A vida é um palco, onde cada um representa o seu papel, disse Shakspeare. Depois do transformismo, moda

passada em ciência e moda em voga em cena: a vida é um palco, onde cada um representa seus papéis. Justino representava alguns - nem sempre gloriosos, é de convir, mas com tal elegância, um brilho tão particular, que só merecia aplausos. Chamavam-no o "camaleão dos ministérios"; ninguém poderia afirmar numa questão de que lado estaria sempre advogado assim admirável. Mas, Justino fazia para ser de qualquer jeito de uma das partes e era de um cepticismo fatalista, absolutamente oriental, nas decisões graves da vida. O hábito de mascarar o temperamento, de mudar de cara várias vezes ao dia, apagara-lhe a energia de retomar o seu "eu" - que era no fundo bom, inteligente e conservador. O secreto e acovardado Justino íntimo tornara-se apenas o espectador de vários Justinos mundanos, e só raramente intervinha no drama, como os freqüentadores de circo para os palhaços em situações difíceis.

- Vamos a ver como te saís deste negócio!

- Queres apostar?

- Tens muita sorte.

Esses curtos diálogos entre o seu verdadeiro "eu" e os outros Justinos para uso externo, deixavam-no esperançado e arrasado nos graves momentos de protestos de letras e de agonizante falta de dinheiro. Enquanto não lhe faltasse a estima daquele espectador, seria amável e vencedor. E sorria. Quantos, como ele, por este mundo? Sorria e continuava a representar, mesmo em casa, para a família, mesmo só. Apenas, como tivera sempre a preocupação dos papéis simpáticos, e como não havia nem tempo para perder, nem muita confiança em inspirar terror, organizara um pai misto de peça romântica e de comédia moderna. Os seus aposentos eram de uma simplicidade monacal, o leito de ferro, onde repousava das vigílias estudiosas, mais desolador que um catre d'hospital; e nas paredes nuas só se via a litografia de Nossa Senhora da Conceição, em caminho do céu, atestando uma crença, tanto maior quanto não a possuía, senão para um efeito social, mundano e prático.

Quando Jacques entrou, o seu ilustre progenitor estava ainda com a sobrecasaca da recepção, sentado, a escrever. Nesse dia, por felicidade, fazia-se completamente pai comédia moderna.

- Boa tarde, caro colega e filho!

- O pai quer falar-me?

- Em teu interesse.

- E o escritório?

- O escritório e tudo mais. Senta-te. Fumas um cigarro?

Abriu a cigareira, serviu-se, guardou a cigareira, estirou-se na poltrona.

- Meu caro Jacques, vejo que estás aborrecido. Eu também. Nada mais fatigante do que estas cenas de conselhos entre pai e filho. Teu avô passava-me um carão, de oito em oito dias e nunca me falou senão zangado. Para consentir que eu fizesse a barba - o que para ele parecia um insulto aos seus direitos paternos, foi necessária uma verdadeira campanha diplomática. Mas isso era no tempo antigo. Hoje, os pais não precisam dar consentimento para fazer a barba, porque nunca vêem barba nos filhos.

- É um uso americano...

- Que acho, aliás, muito asseado. Entretanto, como ainda resta, por um velho preconceito, aos pais, a boa vontade de guiar os filhos, não pude deixar de escolher esta tarde para conversarmos um pouco.

Houve um silêncio. Justino, acariciando a barba grisalha, olhava o seu pequeno, com um

secreto prazer de tê-lo feito tão bonito e talvez uma certa inveja daquela mocidade despreocupada ainda das necessidades da vida. Jacques continuava sério, em pé, brincando com a espátula de cortar papel.

- És uma criança, meu filho. Não podes ter queixa de mim. Não sei se estás educado, mas fiz o possível para te fazer bacharel, como toda gente. Absoluta liberdade, contas pagas, empenhos, professores em aulas particulares. Enfim, tudo. Mas nesta facilidade de vida, talvez nunca te afigurasse a triste verdade de que é preciso ganhá-la. Aqui estou eu, com cinqüenta anos, a esclerose fatal, obrigado a viver com desperdício, exatamente porque desse desperdício vem a possibilidade de negócios grandes. E sem vintém. Sim, meu caro Jacques, sem vintém. É preciso que te habitues a triste idéia de que, morrendo eu amanhã, estás com tua mãe e teu irmão, absolutamente sem recursos.

- O pai a fazer testamento!

- Não senhor, estou apenas a falar sério. De resto, a maioria dos teus companheiros está nas mesmas condições, em que estás. São raras as nossas grandes fortunas. São raras, até, as pequenas sólidas. Atravessamos um grande momento curioso, e vocês não imaginam como custa ser o maquinista, um dos maquinistas da mágica. É preciso trabalhar. Mesmo milionário, dar-te-ia este conselho. Não o sendo, acrescento que é imprescindível, desde já, para te habituares, antes de uma perda grave. Um homem não é homem, enquanto não ganha.

- Ganhar como? - fez Jacques sucumbido.

- De qualquer forma. A questão é ganhar. As sociedades fazem cada vez menos caso dos meios. Metade dos cavalheiros que estiveram cá, hoje, é dessa opinião... De resto, não seria mesmo bonito para um homem, ser sustentado por seu pai, toda vida.

- Ah! isso não.

- Já vês...

- Mas como, papá?

- Oh! ganha-se dinheiro, mesmo não fazendo cousa alguma. Tudo é dinheiro. A questão é preparar o espírito, é encaminhá-lo para o ponto prático, e o ponto prático para um rapaz de boa sociedade é pensar sempre que precisa conservar uma série de confortos, de aparência insignificantes quando os temos, mas enormes, quando lhes sentimos a falta. Vamos a saber: não queres advogar?

Jacques sorriu:

- O pai sabe bem que não sei. Foi você mesmo quem disse que eu de Direito sei menos que o Gastão.

- Sabe-se sempre o que nos vai ser útil.

- Depois, o escritório, a escrivania, o foro, com aquela poeira...

De novo a frieza inicial voltou. Justino tornou, um pouco seca a voz:

- Creio que te formaste para fazer alguma cousa.

- Não pai, não se zangue. Tenho, quer que lhe confesse? medo de começar.

- Pois esse medo passará. Guiar-te-ei. As pequenas causas - terei pequenas causas? - serão tuas. Depois a escrivania não é escrivania, E um lindo *bureau-ministre*.

- Então, pai, vou amanhã...

Justino ergueu-se, mostrando uma satisfação que talvez não tivesse.

- Nota que não te quero forçar a ser advogado. Com uma carta de bacharel, por enquanto, ainda é possível ser várias cousas neste país. Tens diante de ti, o mundo dos negócios, o funcionarismo, a jurisprudência, a política. O meu desejo é lançar-te na vida, não como o pequeno do Pedreira, mas como o filho formado do seu pai, agindo por conta própria e ainda com uma defesa não só de pai como de amigo prático. E preciso ser homem. Foste menino até hoje. Vamos a ver o que fazes, d'agora em diante. Até amanhã.

- Até amanhã.

- A uma da tarde, no escritório. Tu hoje acordaste mais tarde... - Depois, sorrindo, como Jacques já estivesse à porta: - olha, aqui tens vários convites com o teu nome, da recepção do Chili, do baile do presidente da República e do decantado baile que o Itamarati oferece aos oficiais portugueses. Tens mais um cartão permanente para o recinto da Câmara, dois cartões de cinematógrafos. Estas lembranças pessoais, deu-mas o Godofredo de Alencar, que é muito amigo dos governos. Sê também amigo dos governos.

Jacques recebeu os convites com uma certa emoção. Afinal, a conversa não fora tão aborrecida. Ele sentia-se bem um personagem, alguém... O pai tornou:

- Com estes trunfos que tens em mão, um homem esperto talvez não se decidisse por nenhuma profissão, mas decerto teria meios de arranjar uma fortuna. E basta de conversa. Caro colega e filho, até ao escritório.

Jacques saiu. Era só atravessar a sala de jantar e estava no seu quarto. Consultou o relógio e viu que eram seis e meia. Os criados punham a mesa modesta do jantar. Um sentimento complexo agitava-o, sentimento que era de alegria e era de um terrível e assustado desalento. Tinha vontade de chorar, como uma criança. Chegar tão cedo ao marco em que já se não é bem da família! Amanhã seria um homem, uma individualidade à parte, agindo por conta própria, com a gravíssima responsabilidade das suas ações a recair no dia seguinte. Estava farto de saber a situação financeira do seu pai. Era a de três quartas partes da sua sociedade, um triste *bluff* que se tornara norma angustiada. E entretanto, vinha-lhe um medo louco de encarar a necessidade no dia seguinte.

Se Justino morresse? Sim, se morresse... Em que estado ficariam, em que estado ficaria ele? Era preciso atirar-se, trabalhar, ter uma profissão, que lhe desse a troco de um certo esforço quotidiano o pão do mês. Oh! era miserável, era humilhante. E era fatal! Tinha que fazer como toda gente. E vinham-lhe à memória vivas impressões de vários infelizes. O Dória, o rico Dória engenheiro, que, morrendo o pai, fora especulador da praça, zangão, dono de hotel quebrado e sempre a querer aproximar-se do meio, que, impiedoso, o afastara, era intendente de um milionário, ganhando comissões das *cocottese* dos vendedores - só com a preguiça de seguir a sua profissão; o Aragão, que montara um *club* de jogo, com egoísmo e roubara no *baccara*, o Adalberto... De um momento para outro podia ficar assim, e ele que se sentia tão fraco d'alma, tão incapaz de reagir!

Fechou-se por dentro, no quarto, acendeu a luz, olhou-se ao espelho. A tristeza tornava-lhe ainda mais bonito o lábio sensual, a boca de uma frescura úmida, a pele lisa e morena. Diante de um físico tão agradável, aproximou mais o rosto, a ver um sinal ao pescoço. E lembrou-se dos olhos de Alice dos Santos, dos lábios de Alice dos Santos, da proteção que Argemira parecia querer dar aos avanços da Alice dos Santos. Ainda não tivera uma amante senhora casada. Quanta coisa ainda não fizera na vida! Mas havia de fazer, tinha o desejo de fazer, desde que elas fossem agradáveis e pouco trabalhosas. Sorriu para o espelho um sorriso tentador. Afinal tinha sorte, sempre tivera sorte e havia de ter sorte. O Dória não fora feliz porque não tinha de ser. Também há mendigos que pegam caiporismo. No primeiro ano visitara com os colegas uma quiromante que lhe prognosticara muitos amores e muitas viagens. Como ter amores e fazer viagens sem dinheiro?

Começou a despir-se vagarosamente. Amores! A Alice talvez. Como? A Alice e outras muitas, a Malperle por exemplo, de quem se falava tanto, ou a mãe da Eleonora que fingia um desmaio sempre que se achava a sós com um rapaz? O apetite da vida voltava-lhe diante da própria imagem a mover-se no espelho. Sempre obtivera tudo sem esforço e a sorrir.

Havia de continuar. Acendeu um cigarro, soprou o fumo, assobiou um pouco uma copia de café-cantante. Deitou-se a fio comprido na cama. Ah! se soubesse o futuro! E para quê, de resto? Saber é uma necessidade muito relativa. É possível passar perfeitamente sem saber uma porção de coisas. Saber teatro, por exemplo. Para quê? De teatro, Jacques tinha a noção de que as companhias de línguas estrangeiras eram de primeira ordem e as mulheres das boas ou não. As peças de cujos autores ignorava os nomes, caceteavam-no assaz. Entretinha-se, durante o espetáculo, a comparar a elegância das atrizes com as das suas conhecidas e a verificar o mau alfaiate dos atores. M. Le Bargy foi-lhe uma dolorosa desilusão. E literatura? Jacques nunca na sua vida lera uma novela, um romance. Nem Paulo de Kock, nem o *Conde de Monte-Cristo*. Uma indiferença integral afastava-o dos jornais. Mesmo os versos imorais, as leituras ardentes que os meninos fazem sempre com o prazer de atizar um incêndio em plena violência, não o tentaram. Ao demais, os profissionais do talento não lhe agradavam. Só admitiu desde criança inteligência nos que a sua roda permitia e decretava fossem inteligentes.

Este feitio não o obstou de ser precoce em tudo, por tudo lhe ter sido fácil. Aos oito anos, como nesse tempo sua mãe ainda tinha ilusões de reagir contra a gordura, foi para um colégio de padres. Aos dez, nas férias do Carnaval perdeu-se com o criado num baile de Carnaval da mais baixa classe. E como D. Malvina o recebesse em pranto disse:

- Não te assustes. Dancei com umas mulheres pintadas. Elas gostaram. Até pagaram cerveja para mim, que não era tolo para gastar o meu dinheiro.

No ano seguinte, os padres bem pagos e difíceis de expulsar os alunos, queixaram-se do seu mau comportamento. Fumava, arremedava os frades professores, não estudava. Jacques não voltou aos padres e fez um curso de preparatórios em externato, conseguindo o assombro, aliás comum, de ser aprovado numa série de matérias que ignorava.

Seu pai não tinha tempo de fiscalizar a educação, mas pagava sem hesitar os melhores professores e arranjava a valer cartas de empenho no fim do ano. Era mesmo a época do ano, em que senhor de posição tão importante dava para reconhecer velhos amigos de rapaziada, que a sorte fixara em simples examinadores. Jacques, com conta aberta no alfaiate, no camiseiro, no sapateiro, julgava os professores também fornecedores de atestados, mas não era sem um certo sangue-frio superior que colava provas escritas e dizia inconseqüências nas provas orais. Ficou célebre o seu exame de química em que não sabendo quem era Lavoisier e ignorando a composição da água passou com simplesmente. Ninguém falou também do seu exame de francês. Aliás, Jacques sabia falar francês. Foi o único exame em que foi reprovado. Mas aproveitou a segunda época, e nunca disse obrigado aos examinadores como não dizia ao sapateiro. Quando passou para a escola de Direito a fazer o primeiro ano, uma carta que escrevesse devia ter alguns erros, mesmo na língua comum geralmente falada entre nós e que, por excesso de reconhecimento histórico, ainda denominamos português...

Os preparatórios deixaram-lhe uma sensação de igualdade inexplicável e que no fundo sempre lhe pareceu desagradável rebaixamento. Havia uma porção de rapazes de má roupa, sem vergonha pobres, e que se permitiam, entretanto, fazer versos, usar *pince-nez* e não lhe ligar a menor importância. Quando os professores falavam - (de modo geral sempre) - da desmoralização do ensino, da inferioridade da geração, esses rapazes tinham a impertinência de olhá-lo e ele não podia deixar de ficar contrariado, porque esses sujeitinhos é que lhe pareciam inferiores. Os últimos tempos passara-os mesmo a jogar *football*, jogo em moda que as senhorinhas aclamavam aos domingos em Paissandu. Foi sob essa brilhante vocação esportiva, que se matriculou para fazer o primeiro ano. O primeiro ano constava de duas matérias: Filosofia de Direito e Direito Romano. Oito dias antes dos exames, começou de ler umas apostilhas da segunda matéria, veneráveis apostilhas que representavam o saber desse

monumento social em dez gerações de bacharéis. Em Filosofia copiou a prova escrita e na oral, diante de um lente grosso e sábio, assegurou:

- A Filosofia, esse verdadeiro pão do espírito...

O professor abriu numa gargalhada homérica. E ainda sacolejado de riso:

- Continue, muito bem... continue, menino...

Não continuou por ser susceptível ao ridículo. Mas fez o curso inteiro com a mesma profundez, cada vez menos culpado de ser bacharel. Não que não tivesse inteligência para aprender o que tanta gente sabe nem sempre para bom uso: mas porque era desnecessário. Para que cansar se o resultado seria o mesmo? Instintivamente economizava-se.

O seu tempo de acadêmico passara-o pois assim. Acordava, ia para o *football* ou fazia ginástica sueca no quarto. Em seguida iniciava a sua *toilette* com cuidado. A escolha do fato, da camisa e da gravata correspondente, punha-o muita vez perplexo. Estas coisas absorviam a sua atenção. Conhecia gravatas ao longe.

- Esta gravata não é daqui?

- Não.

- É do Doucet. Estavam em moda o ano passado.

Em fornecedores o seu conhecimento era doutoral. A menor alteração no corte dos *fracks* uma insignificante mudança d'aba nos chapéus de Londres ou da Itália tinham nele um fiel. As cores das roupas de baixo também. E a maneira de estar conforme manda a educação dos salões - educação e maneiras que variam todos os anos. Ultimamente usava camisetas irisadas de morticores imprevistas, abandonando nas gravatas os tons monocromos, e nunca sentara para jantar sem estar de *smoking* e ou de casaca. Um homem quando tem apetite, pode jantar até tendo apenas por fato a aliança do casamento. Ele, porém, achava aquilo necessidade imprescindível, e mesmo em Teresópolis, num matagal horrendo de cura, aparecia sempre, com espanto do hotel, de *smoking* e sapatos de verniz.

Após a *toilette*, ia almoçar e saía. Às vezes passava pela escola. Raramente. Empregava o tempo em namoros e *ftirts*. Nunca desejara. Era desejado. Aos quatorze anos uma criada portuguesa virgem agarra-o com uma violência de Tântalo se encontrasse um jarro d'água fresca à mão. Depois era sempre solicitado e achava isso meio aborrecido. Saía à hora em que as ruas de Botafogo, principalmente as transversais deixam ver tanta coisa. Aos dezesseis anos, indo visitar o Barão Belfort, que por sinal viajava Pela Rússia, encetou através do muro um escandaloso namoro com a Ada Pais, a ponto de fazê-la pular a separação de pedra e vir ler romances na biblioteca do barão. Essa ligação semivirgem dera-lhe de resto a consideração de Belfort e do literato Godofredo de Alencar. O barão era um perverso, cuja amizade não deixava de ser corrosiva. Godofredo muito hábil sob aqueles ares fatigados, trabalhava no desejo de ser de uma roda, a que aspirava por uma multiforme e vaga ambição. Troçava de todos, elogiava a todos e principalmente o fraco de cada um. Para Jacques, como para outros rapazes tinha sempre dessas frases que ficam:

- Estavas ontem com uma linda bengala.

Aos demais dizia-se amigo dos políticos, o que aguçava sobremaneira o interesse dos homens de negócios, a maior ou talvez a única aristocracia do momento.

Jacques tinha pelo barão e pelo homem de letras prático uma sincera admiração. E no chá, um chá elegante, onde parava desde as quatro da tarde a ouvir o Dr. Suzel, o Belmiro Leão a cumprimentar as senhoras e a fazer sinais às *cocottes* não perdia ocasião de citá-los. As seis voltava a casa. *Smoking*, jantar. A noite, o *music hall*, em que aparecem como numa exposição

as melhores mulheres de várias casas especialistas. A sua memória, mais virgem que a criada portuguesa e Ada Pais, gravou com facilidade as canções e a algaravia desse pessoal pintado e abrilhantado. Passava, como a maior parte dos seus amigos por trás dos camarotes, onde as damas se pavoneavam. Nos intervalos tomava umas bebidas, convidado pelos endinheirados da semana. Porque, cada semana, havia nessa sociedade assaz misturada de mulheres, *michês*, jogadores, *gíngolos*, um sujeito que aparecia com muito dinheiro. Godofredo e o barão apresentaram-lhe uma vez aí o jovem construtor Jorge de Araújo. A época era de resto do aparecimento de jovens construtores, jovens motoristas e velhas manicuras. Jorge de Araújo ficara rico num mundo de casas mandadas fazer pelo governo e tinha a dupla mania dos automóveis e das mulheres. Belfort fizera colocar num dos automóveis do construtor esta divisa heróica:

- Esmago todo mundo e ninguém me vê.

Jorge via tanto no barão como em Godofredo duas utilidades para a continuação dos seus negócios. Viu decerto em Jacques uma outra, posto que obscura. E Jacques, com a gula da mocidade pelo prazer, viu nele um meio de divertir-se sem pagar. Em pouco tempo era amigo inseparável, aproveitando os automóveis e a intimidade das mulheres. Datou daí, na função de menino bonito, a sua ligação com a Lina d'Ambre, italiana de cabelo oxigenado, terrivelmente ciumenta. Para ver se podia acompanhá-la a casa, Jacques ia a um dos mil e um *clubs* do jogo onde o *baccara* infernal sustenta um batalhão de patifes amáveis.

Para passar o tempo e ver se ganhava, jogou. A mesada era escassa. O pai dava-lhe roupas, mas não dinheiro. Para arranjar dinheiro, pediu aos fornecedores que forjassem fornecimentos falsos. Depois pediu a Jorge, ao barão. Godofredo, por precaução pedira-lhe antes do ataque uma pequena quantia. Enfim, uma noite a Lina d'Ambre, votada ao sacrifício romântico, exigiu que lhe fosse empenhar um dos anéis e ficasse com o dinheiro. Jacques hesitou, com frieza, e foi.

Dias depois, na mesa redonda da *pension d'artistes*, a Lina, num calão indizível, atirou-lhe o epíteto de explorador feminino. Como estavam na sopa, Jacques atirou-lhe com um prato, que felizmente só atingiu a cabeleira de um loiro não veneziano, mas inverossímil. A mulher teve um ataque, depois de retribuir a violência com idêntica remessa de sopa. Furioso, Jacques saiu com o *smoking* sujo, para nunca mais voltar. Lina mandou-lhe cartas perdidas de amor. A sopa reacendera-lhe a chama. E, como tal chama leva a excessos, Lina, depois de dizer a toda gente que fora explorada, apresentou-se no escritório de Justino a mostrar a cautela e pedir providências. O Dr. Justino, naquela conjuntura, foi de grande gentileza e calma. Pagou, deu à mulher uma gratificação generosa e teve com o filho esse primeiro e lamentável encontro em que entre pai e filho aparece a miséria sexual, o escândalo mulher, aliás tão apreciado por filhos, pais e mesmo avôs.

- O senhor envergonhou-me. Um homem na sua idade não paga o amor. Perfeitamente. Na sua idade nunca paguei. Reservei-me para depois. Há sempre tempo. Mas receber!

- Está enganado, pai. Pergunte a Jorge, pergunte ao barão. Vou quebrar a cara àquela tipa!

- O senhor não vai quebrar a cara a ninguém. O senhor vai é não fazer mais isso, porque está arriscado a perder o meu auxílio. E a propósito: descontarei na sua mesada a importância da cautela. Quem tem vícios não se fia nos outros.

Desde então, Jacques, a quem a inexorável D. Malvina fazia um sermão de moral semanalmente, para lhe dar dinheiro, foi acentuando esse afastamento progressivo da família em favor da rua, a que o eufemismo social denomina fazer-se homem. Jacques fazia-se homem a todo pano, vertiginosamente. Passava dias sem ver o pai. Chegava pela manhã. Não foi a Petrópolis, durante o verão e, segundo informações da vizinhança, dera uma ceia a damas alegres na própria residência da família. Mas, ainda assim, agindo com inteira liberdade, não se sentia senhor das próprias ações, era feliz e descontente exatamente por isso. Ao recordar a

breve vida, estirado na cama, sentia que as palavras cordiais de seu pai tinham cortado as últimas amarras. Ia ensaiar a vida só, apenas comboiado durante algum tempo. No dia seguinte, à uma da tarde, estaria num escritório a ver autos, a folhear o código...

A idéia pareceu-lhe tão intolerável, que se ergueu de um pulo, olhou-se de novo ao espelho a ver se não teria mudado. E achou-se perfeitamente agradável.

Então, meticulosamente, vestiu-se. Uma semana com tanta coisa a tratar! O circuito de automóveis, um piquenique noturno na Gruta de Paulo e Virgínia com a esposa do ministro de Honduras, e três ou quatro senhoras com os respectivos responsáveis, a festa dos animais oferecida pelo barão! Trabalhar quando a vida é tão bonita! E ia jantar em casa, ia talvez ao teatro com a família, voltaria cedo, para no dia seguinte, à uma hora...

O criado veio chamá-lo. Era o jantar. Saiu. O pai de casaca e de pé lia um jornal. Já passava das oito...

- Então, pensaste?

- Não, vesti-me.

- A ocasião do presidente, do baile presidencial é excelente.

- Ora o baile do presidente? - fez Jacques, que sempre ouvira seu pai ridicularizar todas as autoridades constituídas deste país.

- Farás o que entenderes.

Nesse momento, com um vestido de rendas creme sobre fundo de *liberty* preto, decotada e irritada, Mme. Malvina entrou. Sempre que ia ao teatro - e era dia de assinatura do Lírico - retardava o jantar para preparar-se antes. Seria impossível depois com a sua crescente gordura. Mas assim o que se tornava superior às suas forças era jantar, apesar de um razoável apetite. Então, D. Malvina fazia ato de presença, de rosto fechado.

- Por que jantamos cada vez mais tarde?

- Porque é impossível jantarmos mais cedo.

- É o *Lohengrine* hoje?

- É.

- Com aquele dueto que não acaba mais. Você vai?

Jacques não teve tempo de responder. A campainha retinira. O criado chegara.

- O Dr. Jorge, de automóvel, que pergunta se o senhor esqueceu.

- Ah! é verdade. E eu que prometera jantar com o Jorge!

- Onde?

- No Leme. Está aí?

- Está à espera no automóvel...

- O papá dá licença?

D. Malvina carregou o sobrecenho. As roscas do seu pescoço tornaram-se vermelhas. Mas Justino sorria complacente. Era um pai comédia moderna, como a maioria dos pais modernos.

Aquele filho formado e formoso, que parecia Perseu, agradava-lhe. Depois em Jorge o velho advogado farejava graves coisas futuras a defender.

Jacques precipitou-se para a varanda, correu no jardim. Nem já lembrava o dia seguinte. Jorge guiava. Ao lado, Godofredo estava de *veston* azul, e dentro do automóvel fechado havia quatro mulheres.

- Então isto faz-se?

- Estava tratando da vida.

- Tu?

Um estrepitoso riso rompeu. Jacques meteu-se entre as damas. O automóvel deslizou, fugiu pela Avenida, que era um esplendor de luzes.

E enquanto o filho seguia para o prazer, e a esposa arfava irritada por ter de ir ao Lírico, o Dr. Justino Pedreira, lendo o jornal e pensando noutra cousa, fez um gesto ao criado para que lhe desse de jantar.

### III

#### *Exercício preliminar*

Precisamente, Jacques não foi muito pontual. A pontualidade é talvez um erro para quem almeja valorizar-se. É crime quando a obrigação não nos parece agradável. Os jovens que se revelam lúcidos ganhadores, chegam sempre antes da hora, no dia marcado. Prova de sofreguidão pueril. Às vezes nada se adianta com a pressa. Jacques apareceu no escritório, quatro ou cinco dias depois, - às três e meia de uma linda tarde. Como o escritório ficava na Rua do Rosário, nenhum dos seus transeuntes desconfiaria da beleza do céu. A estreita rua, atravancada com carroções, o calçamento desigual e engordurado, uma multidão de cocheiros seminus, de caixeiros, em mangas de camisa, e cidadãos apressados, a contar dinheiro, a discutir papéis estampilhados ou de pasta debaixo do braço - não dava tempo para pensar na beleza, mesmo na beleza de uma tarde linda. Era a rua dos armazéns de comestíveis por atacado e dos consultórios de advocacia. Jacques só aparecia lá para pedir dinheiro ao pai, que dava o nome ao consultório e trabalhava com outros colegas. O pai, nada agradado com tais visitas, aconselhara o contínuo, um velho macróbio, cor de castanha, chamado André, a dizer a Jacques que não estava. O filho chegava e de cá de baixo:

- O pai?

André esticava o braço magro e fazia um gesto inexorável de negativa:

- Não, senhor; saiu.

- Há muito?

- Ainda há pouco.

Por último, com o hábito, ao ver assomar Jacques, fazia maquinalmente o gesto, quase com raiva, e gritava com a sua voz septuagenária:

- Não! não! já saiu.

Como em geral os cêrberos de casas de negócio, embirrava com os que vinham pedir, mesmo sendo parentes. Uma das suas volúpias - uma das derradeiras, coitada! - era dizer não, era negar a quem lhe parecia precisar. Assim, quando viu Jacques a subir, o velho cor de castanha ergueu-se furioso, agitando o braço:

- Não está; não está!

Jacques parou, quase resolvido a voltar, mas para confundir o pobre homem, subiu. No consultório havia cinco advogados, contando com seu pai, que se reservava a sala da frente. Gente subia e descia as escadas. Cavalheiros conversavam junto das secretárias. Havia poucos livros na atmosfera sempre suja. O Dr. Justino, que conversava com dous clientes ao mesmo tempo, um provinciano interessado contra a oligarquia do seu Estado e um empresário teatral disposto a intentar ação contra a Prefeitura, apertou-lhe a mão, deu-lhe a face a beijar e apresentou-o logo aos dous clientes.

- Meu filho, formado há dias.

Jacques reparou na sua secretária, com um nobre feitio antigo, de carvalho. Sentou-se, abriu a pasta virgem e ficou ouvindo o inimigo da oligarquia, que de vez em quando voltava o busto e por deferência dizia:

- Não acha, doutor?

Depois foi ver os outros advogados, que estavam a tratar de negócios, nada interessantes. Que supremo aborrecimento! Nunca mais poria os pés naquele horror!

Mas, voltou. Voltou até todos os dias. É que a sua fraca vontade irritada contra um trabalho comum, descobrira que esse trabalho, mesmo comum, seria um titulo de elegância no meio por onde andava, um titulo superior. Chamarem-no de doutor, convencidamente, julgarem-no capaz de uma opinião decisiva, era para envaidecê-lo. Mas ter a certeza de que as senhoras e os seus amigos, e os simples conhecidos acreditavam em outro Jacques, era um prazer indizível. Estava duas mil léguas longe da vida prática. Entretanto, contentava-se. A entrada no escritório, deu-lhe uma individualidade definida. Pediu aos amigos que o fossem ver. Deu a mesma direção, com o número do telefone, *na pensão* da Lola Safo, *na pensão* da Isabela Corini, no seu alfaiate. Saia invariavelmente depois do almoço, só, com uma pasta cor de granada com fecho d'ouro, saltava do *tramway* apressado como um *businessman*, atravessava a Avenida a passo inglês. Ao chegar, indagava:

- Não veio ninguém procurar-me?

Invariavelmente, André cor de castanha respondia:

- Não, senhor.

Esperava um tempo e saía de novo com a pasta, ordenando:

- Se vier alguém, que espere.

Dava uma volta, reaparecia, no íntimo louco para que soassem quatro horas. Era a liberdade até o dia seguinte, em que de novo subia as escadas empoeiradas, contrariado e com a esperança de ter sido procurado. Uns quinze dias depois, quem lhe apareceu foi Jorge de Araújo, baixinho, magro, elegantíssimo.

- O Dr. Jacques? - perguntou a André.

- Não conheço.

Jacques, que ia sair, precipitou-se:

- Grande idiota, então não me conheces? Desculpa. É casmurro. Entra. Estou aí com uns negócios.

- Já? Parabéns. E ainda bem. Preciso muito dos teus serviços. Não se trata de advocacia. Tenho advogado.

- Então?

- Preciso de uma carta amiga para o ministro da Fazenda. Obras, reformas. O engenheiro abriu concorrência. Uma carta amiga era decisiva para o ministro. Se for aceita a minha, tens vinte contos.

- Vinte contos? Mas como arranjar a carta?

- Tens relações. Teu pai, por exemplo. Teu pai arranja.

- Vamos a ver.

- Espero até amanhã. Lembrei-me de ti. Fala ao Dr. Justino. Até logo.

- Só isso?

- Achas pouco? A minha hora de diversão ainda não chegou. Hoje, onde?

- Onde quiseres.

- Damos a volta da Tijuca.

E desapareceu. Jacques ficou num indizível estado de nervos. Compreendera logo que a proposta de Jorge fora uma distinção especial de amigo. Provas de tanta consideração só a pessoas de idade e de respeito. Arranjar um negócio, ganhar na primeira cartada vinte contos! Como? A quem pedir? A seu pai? Mas seu pai talvez recusasse, talvez não tivesse intimidade com o ministro. E Godofredo? Godofredo exigiria metade. Metade ou mais. Depois o favor de Jorge era a ele, a ele pessoalmente, Jacques... Ficou a passear na sala, febril, à espera do pai. Quando o Dr. Justino chegou, não teve coragem, procurou circunlóquios, arriscou uma opinião sobre a marinha americana, folheando revistas. Por fim, foi até dizer:

- Conheces o ministro da Fazenda?

- Muito. É um bicho de concha. Por quê?

Por quê? Com a pergunta compreendeu o seu estado d'alma. Faltava-lhe a coragem, não de falar francamente, mas de repartir. O seu divino egoísmo tinha a intuição cega do perigo. Antes de responder, sentiu que se falasse, o pai pediria para ver Jorge... Seria melhor conversar com a mãe, fazer intervir a influência da esposa.

- Por nada... - murmurou, afetando indiferença.

E saiu logo, deixou de ir ao chá das quatro horas, onde havia de encontrar Alice dos Santos e Mme. de Melo e Sousa, já inseparáveis. Foi diretamente para casa, com um cartucho de *bonbons*, o primeiro que comprava na vida para oferecer à mãe. D. Malvina não estava. Ficou na varanda, chegou a abrir um jornal, a ler uma notícia de pavoroso incêndio num gabinete da pensão de Lola Safo. Um toque de campainha fazia-o ter sobressaltos. Nunca na sua vida tivera um tão forte desejo de ver D. Malvina. E D. Malvina demorava, não vinha mais. Antes da esposa chegou o Dr. Justino no automóvel do Deputado Santos, que o seu continuava quebrado. Só, às sete, apareceu a formidável dama. Vinha exausta. Fora ao Dispensário da Irmã Adelaide, assistir como dama de caridade ao aniversário da fundação. Estivera depois em casa da Baronesa de Muripinim, a encardida relíquia da monarquia, muito mal com um acesso de fígado. Lá soubera do divórcio iminente de Mme. Zurich. Era a quinta vez que anunciavam o escândalo, sempre, naturalmente, por causa do marido. E aquelas emoções violentas: a religião, a moléstia, a vida alheia - tinham arrasado a pobre senhora. Jacques foi buscá-la ao jardim, com carinho. Ao ver-se assim tratada, Mme. Pedreira exagerou. Era um hábito antigo.

- Mamã, preciso falar-lhe.

- Agora não, estou que não posso.

- Mas mamã, é a minha vida.

- Tens alguma ousa?

- Não, não é conta.

Na casa de jantar, ofereceu-lhe os *bonbons*. D. Malvina, apesar de gulosa, deixou-os sobre a mesa. Mas o filho teimava. Foi com ela até o toucador. E lá abriu-se. Precisava arranjar a carta. Um comendador que oferecia cinco contos. A carta devia ser apresentando Jorge de Araújo. A digna senhora não compreendia nada das infantilidades de Jacques. Apenas uma secreta admiração brilhava no seu olhar. O filho fazendo negócios, agindo, trabalhando, falando em ganhar...

- Não sei se teu pai...

- Pede-lhe, pede-lhe com calor.

- Vou ver. Amanhã dou-te a resposta.

- E pede também a Nossa Senhora, mamãe, para que o ministro da Fazenda atenda...

D. Malvina abriu mais os olhos. Jacques, o endemoninhado, voltava às tradições de família, e era católico como o seu ilustre pai e era crente como sua mãe!

- Peço sim, meu filho. Ainda hoje a Irmã Adelaide perguntou por ti, com muito interesse...

Jacques deixou o lar, logo após o jantar, em que foi de uma extraordinária gentileza para com o pai. Descobriria de chofre os efeitos da lisonja. Servindo aos progenitores com um interesse mesquinho, em que ainda por cima pretendia enganá-los, uma série de atenções desusadas, admirava secretamente o seu tato. Também ele sabia mentir com mestria. Era da família. Como no temperamento mais nascido para as transações hábeis há sempre uma grande dose de ingenuidade, se lhe viessem dizer que mostrava inteligência de advogado, acreditaria. Passava a um papel ativo na vida, com desenvoltura e esperteza. No dia seguinte entregaria a carta, e Jorge teria as obras, dando os vinte contos. O mundo era seu.

- Pai, o negócio do empresário?

- Queres aquilo? Ainda lembras? É um aborrecimento. Estamos há quatro meses.

- E quanto ganhas?

- A metade do dinheiro que obrigarei a Prefeitura a dar-nos. Uns dez contos.

Dez contos. O pai levava quatro meses para um negócio de dez contos! Ele, de um dia para outro, obtinha o dobro. Na rua, a vários conhecidos que cumprimentou, sorriu com o ar triunfante e superior. Era definitivo. No dia seguinte teria aquela soma, que aliás de pronto não sabia como utilizar. Depois outros negócios se sucederiam. De que gênero? Talvez de cartas de recomendação, de influências íntimas. Oh! ele agora compreendia aquela febre estranha que agitava a maioria dos seus contemporâneos: as faces machucadas, as neurastenias, a pressa, o ar de corrida por um tremedal em que quase toda a sua sociedade e ele também, pela força das circunstâncias, viviam. Agora já poderia dar uma explicação aos gastos de muitos conhecidos, a flexões de espinha inexplicáveis até o momento. Era o negócio, o jogo das influências, um tremendo jogo certo de consciências, que o vencedor devia ser o maior ganhador. No fundo devia ser muito aborrecido fazer como o Jorge, de assaltante diário, ou como Godofredo, e seu pai, de intermediários entre o assaltado que deixa assaltar, mediante condições e o assaltante que reparte. Ele faria com rapidez, uns duzentos contos...

Passava um *tramway*, tomou-o. Ao pôr o pé no estribo, tinha mentalmente duzentos contos, e

foi como milionário que saudou o jovem Gomensoro e a linda Etelvina, sua esposa, *née* d'Ataíde. Os dous continuavam o *flirt* marital, divertindo-se, ou fingindo rir com a trepidação cinematográfica da sociedade. Etelvina fora educada em Paris, educação americana na filigrana parisiense. Fazia de grande dama e tinha o curso completo dos *cabarets* de Montmartre, que visitara, a princípio com sua mãe, ambas incógnitas, e depois com o próprio marido, sem incógnito.

Montmartre desenvolvera-lhe a ironia. Nas salas, aquele ar de Mme. Bady, os *plongeurs à* Segundo Império, ocultavam uma observação mordaz e uma garotice de assobio. O marido acompanhava-a na troca e ambos pareciam perfeitos. Jacques admirou-se de vê-los.

- Oh! que prazer! Então, nenhuma festa?

- *Relâche*, hoje, meu caro. Desde que cheguei, não posso mais. Canto todas as noites e todos os dias. As nossas damas de caridade verdadeiramente abusam. E as elegantes também.

- É a grande atração dos salões.

- Mas esgoto o repertório. Que culpa tenho eu de saber cantar?

- E há cousas - interrompeu o Gomensoro. - Ontem, depois da *matinée* em favor do Orfanato das Irmãs do Monte Branco, em que Etelvina cantou cinco números, tínhamos a recepção do presidente da República. O secretário da presidência foi em carro de palácio lá ao hotel pedir, pelo menos, um número.

- E V. Exa. compareceu?

- Fui. Oh! oh! que cousa! Nem os bailes do Eliseu em que o Félix Faure aparecia de sapatos brancos. A coleção de casacas para uma crônica hilariante! A série de damas gordas, mal nuns vestidos crispantes! E havia programa. Cantava uma das damas gordas, cantava uma das casacas. Os amadores da administração pública! Os amadores governamentais!... Quase não canto.

- Mas havia o corpo diplomático estrangeiro, gente muito fina, e alguns colegas meus. Sabe que na minha posição, Etelvina prejudicar-me-ia se não cantasse. Depois o ministro da Fazenda...

- O ministro da Fazenda? - interrompeu Jacques.

- Conhece? Muito amigo de mamãe.

- O ministro da Fazenda pediu. É um desses republicanos históricos a que nada se pode negar. Pertencia ao partido conservador da monarquia.

- E cantei, meu caro, mais três vezes. Também afirmo que acabo morrendo de cantar.

Esperou uma frase amável, que o Jacques não tinha, passou a língua no lábio, concluiu na íntima necessidade de um louvor.

- Como os rouxinóis...

Jacques, entretanto, pensava. Talvez fosse possível pedir à mãe da Etelvina a carta. Ou outra carta. Cartas nunca são demais no caso de empenho. Mas seria tempo ainda?

- E hoje, que fazem?

- Passeamos de *bond*, costume nacional, vendo o mau gosto desta arquitetura. Foi o secretário de França que comparou a Avenida a um bazar de fenômenos arquitetônicos.

No Passeio, Jacques saltou para assistir a um ato de opereta italiana. Como os artistas eram

detestáveis e as coristas bem redondas e bem dispostas a saírem acompanhadas, a companhia tinha sempre enchentes, mais de homens, representativos de várias classes sociais, principalmente a política. A primeira pessoa conhecida que avistou foi o Deputado Arcanjo. Estava numa frisa com a esposa e a ilustre Sra. de Melo e Sousa. Viesse vê-las. Que prazer! Jacques foi. Alice estava com um escandaloso vestido cor de vinho ardente. Mme. de Melo e Sousa sorria cheia de malícia. Evidentemente a ilustre dama sentia um certo prazer em aproximar corações.

- Não há mais ninguém que o veja.

- Que exagero!

- A Alice já perguntou duas vezes pela sua pessoa.

- Palavra?

- A primeira à sua mãe no Dispensário da Irmã Adelaide.

- Também é de lá?

- Grande protetora. Deu muitos contos.

- Oh! D. Argemira.

- Que tem, minha filha? A Irmã Adelaide vai até inaugurar-lhe o retrato no salão de honra.

- Não quero.

- Será, então, o de seu marido. A Irmã Adelaide é firme de convicções.

E com a autoridade do seu grande nome, ergueu-se:

- Só nestes maus lugares é que se encontra o Jacques, não acha Dr. Arcanjo?

Levado pela ilustre dama num fio de conversa, o Dr. Arcanjo, que aliás não era formado, acompanhou-a até à galeria dos camarotes. E Jacques percebeu que, pela terceira ou quarta vez, D. Argemira dava ocasião. Seria desejo de D. Alice? Estava num estado d'alma pouco disposto ao amor. Mas ao mesmo tempo com a convicção de que nada lhe seria difícil.

- Então, por que não aparece?

- Para não enlouquecer.

- Enlouquecer, o Jacques?

- A senhora bem sabe.

- Eu?

Voltou-se completamente. Olhou-o com os seus dous grandes olhos ardentes.

- Sabe que fui à Cavé hoje? Amanhã lá estou à mesma hora.

- Seu marido vai buscá-la?

- Vai, como sempre. Mas eu vou antes à casa da Argemira.

- Eu também. Preciso ir.

- Ah! bem. Tem gostado da opereta?

- Muito. Às duas horas.

E voltando-se para D. Argemira, que se encostara ao balaústre, disse alto:

- Bastou ver-me chegar para sair! É a guerra?

- Sabe bem que não.

A generosa senhora e o generoso marido aproximaram-se. Ia de resto começar o ato. Jacques assistiu no camarote de Arcanjo. No seu cérebro com a impressão nova da Alice, o negócio de vinte contos passava a uma questão liquidada. Já ganhara os vinte contos. Agora eram as mulheres, as mulheres casadas. Um homem só é realmente *chic* quando tem uma amante casada. Cresce na consideração alheia, apesar de ser cada vez mais comum uma amante casada. E ele que nunca se atrevera por preguiça, julgando ser preciso ou muito dinheiro ou muita sorte, via que era fácil, tão fácil como convidar uma *cocotte* para cear. Seria o primeiro de Alice? Observou-a como se observa uma cousa mais ou menos sua. Era bem interessante. Ao demais fazia por que o notassem. Durante o ato inteiro levou a encarar cavalheiros na platéia e a pôr o binóculo para certas damas das frisas, trocando impressões com D. Argemira, que parecia apreciá-la imenso. Jacques pensou que ela estivesse afetando indiferença por sua causa, para fazer de senhora fina, dessas capazes de enfrentar um batalhão de amantes passados sem dar a perceber que lhes deu a mínima confiança. Quando baixou o pano, porém, os seus olhos fixados na boca de Jacques diziam tão claramente o desejo que ele se prometeu um dia seguinte, melhor do que qualquer outro, da sua leve existência. Ao sair, encontrou Godofredo de Alencar, o aplaudido cronista. Godofredo estava doente. Ficava sempre doente para a noite. Vinha, entretanto, de jantar com o senador relator do orçamento da Fazenda.

- Da Fazenda?

- Sim, homem, que tem isso?

- Conheces o ministro?

- Faz-me o favor de ser meu amigo.

- Que tal?

- Que tal, como?...

- Ora...

- É um costume este esquisito que todos vocês têm de insinuar dúvidas sobre a honestidade dos homens colocados. Não sei, não, caro. Para mim todos os ministros são angustiosamente honestos enquanto são ministros. Olha, a questão é de habilidade.

- Vamos cear?

- Mas a que horas queres que eu escreva, se durante o dia tenho negócios?

- Então, não dormes?

- Sim, às vezes, para não perder o hábito.

- Vais escrever agora? E custa muito?

- Escrever custa. Agora, vende-se muito em conta. E, meu caro, um gênero na baixa.

- Acompanho-te.

- Com prazer.

Jacques seguiu-o porque não tinha o que fazer e estava muitíssimo nervoso para dormir. Godofredo aceitou a companhia sem vontade e começou a dar voltas vagarosas pelas avenidas que partem do Largo da Lapa. Nem Jacques tinha a coragem de contar o seu negócio, nem Godofredo desejava comunicar aquele filho de boa sociedade que morava numa pequena sala de uma ruela escura. Tudo é vaidade. Vaidade das vaidades, já dizia o Eclesiastes. Exatamente por isso, Jacques falou de Alice.

- A pequena atira-se - fez o escritor cínico.

- Não?

- Queres dizer que não só a ti como a toda gente. É uma febre caro Jacques, uma verdadeira febre. Estou que é caso de moléstia. E a nossa encantadora D. Argemira...

- Sim, mas discretamente.

- A levá-la a toda parte, a passeá-la. Sabes o valor social de D. Argemira. Pois nunca me convidou para a sua casa. O dinheiro, meu amigo, o dinheiro é a grande arma. Nem talento, nem sangue nesta califórnia. Dinheiro!

- A quem o dizes - fez Jacques como se fosse um ganhador exausto de operações dinheirasas. - E por falar em dinheiro, o Jorge...

- Oh! mil contos, mil contos só em imóveis.

- Imóveis?

- Sim, terrenos e casas, caro advogado. E honesto, generoso, mais generoso, essencialmente moderno, último aeroplano. Adeus, estou perto de casa. Não precisas vir.

- Moras por aqui?

- Ali embaixo - fez vagamente o escritor deambulando.

Jacques foi deitar-se. Foi de tálburi, apesar do *tramway* ser mais económico, mais higiênico, mais cómodo e mais rápido. Ao deitar-se, tinha a certeza de que não poderia conciliar o sono. Era bonito passar a noite a passear de um lado para outro, pensando no marido da amante e na certa para o ministro. Entretanto, dormiu quase imediatamente e só acordou às onze da manhã. O sol ia alto. O copeiro que lhe trouxe o café,

Deu-lhe uma notícia desagradável:

- Madame foi à missa.

Atirou-se para o banheiro desesperado, obteve do copeiro que lhe desse uma fricção geral d'água-da-colônia, vestiu-se zangado. Ia perder o negócio, ia perder a Alice, ia perder tudo, por inépcia e indiferença dos seus parentes. Vá a gente fiar-se nos pais! Com a fisionomia de vítima resignada, ia sair, quando sua mãe apareceu da missa. Chamou-o logo ao pequeno salão.

- Então? - fez ele sôfrego. - Até pensei que tivesses esquecido.

- Falei com teu pai.

- Ah!

- Ele riu muito.

- Riu?

- Riu e disse que lhe estavas saindo de truz.

- E a carta?

- Não ma deu.

- Mas, mamãe, e só agora é que a senhora me diz isso!

- É que não há mais remédio. Justino tinha dado uma carta antes para outro construtor e esteve ontem com o Godofredo na casa do relator do orçamento para fazê-lo interceder. Chegaste tarde.

- Oh! mamãe, vinte contos!

- Tu disseste cinco.

- Cinco, sim, cinco. Mas ainda não está tudo perdido. Os parentes! Os parentes!

Saiu sem almoçar. Uma idéia atravessara-lhe a mente: ir falar com a mãe de Etelvina, com a Sra. d'Ataide, que morava nas Laranjeiras. Era uma vergonha, logo no seu primeiro negócio, ser tratado assim. Que diria Jorge de Araújo? Riria da sua importância, mesmo junto ao pai. Era enorme aquela! No palacete de Mme. Ataide, o criado disse que a senhora não estava. Lembrou-se que a mãe de Etelvina só estava, quando o sol descambava e podia mostrar, sem muito escândalo, a face de velha amorosa suficientemente esmaltada. Ninguém mais conhecia que conhecesse intimamente o ministro da Fazenda! Ministro pouco conhecido. Nem ele mesmo. Entretanto, já podia ter-lhe falado, graças aos convites dados pelo Godofredo, de que não se utilizara, senão para ir ao cinematógrafo. Qual! nunca teria jeito para os negócios, para ganhar dinheiro!

Consultou o relógio. Eram duas horas. Devia tantas gentilezas a Jorge, que era impossível deixar de dar-lhe uma satisfação. Precisava, além do mais, fingir, para não perder a importância. E tinha a entrevista de Alice em casa de Argemira, àquela hora. Heroicamente tomou o *tramway* e veio para o escritório.

- Ninguém perguntou por mim?

- Ninguém - respondeu o velho cor de castanha.

Acendeu um cigarro, acendeu-o à moda, não com fósforo, mas com um isqueiro. Para se saber a que sociedade pertence um homem, basta vê-lo fumar. Jacques, fumando era de primeira classe, com o cigarro grosso no meio do lábio carnudo, tragando vagarosamente, nunca, jamais quebrando a cinza com o dedo mínimo. Para as três horas, o telefone vibrou. André arrastou-se até ao aparelho.

- Hein? Jacques? Não conheço. Ah! o filho do Dr. Justino. Onde é que fala? Da casa da Sra. Melo? Bem.

Jacques fez-lhe sinal que não, furioso, o velho cor de castanha irradiou. Ia dizer não. E pegando outra vez no fone:

- Alô! É a senhora? Diz que não está!

Neste momento, radioso como nunca, apareceu Jorge de Araújo.

- Negócios muitos? Bons?

- Maus.

- Ah!

- Chegaste tarde, meu caro. Falei com o pai, falei com d'Ataíde, que se dá com o ministro, desde o tempo em que ele era do partido conservador. Não foi possível. Até o relator do orçamento deu cartas para o teu rival. Foi assinado hoje.

- Foi.

- Sabias?

- Pois claro. Lancei aquela proposta com outro nome, o de meu cunhado. Como houve outra mais em conta, tive que, à última hora, colocar uma em meu nome, mais reduzida. Se perdesse a grande não perdia tudo.

- Era tua, então?

- Era. Eram ambas.

E para Jacques, perfeitamente apatetado:

- Nada mais simples: negócios!... É preciso preparar as cousas. Deixa, porém, dar-te os parabéns. Fizeste muito num exercício preliminar. Não me esquecerei.

#### IV

#### *Primeiro, o amor...*

"Conhece-te a ti mesmo", disse o sábio. Era um sábio antigo. O verdadeiro saber está em cada um ignorar-se a si mesmo. Que seria da vida, se todos, ou a maioria, ou mesmo uma pequena parte tivesse idéia justa do seu valor? Há calamidades em que se não pensa, nem mesmo quando se é sábio e antigo.

Jacques percebia nitidamente que outro momento não havia surgido igual para uma vida aventureira de negociatas. Mas uma indolência, por demais moral e por demais física parecia afastá-lo desse ambiente de ativa persistência. Dois dias acompanhou Jorge de Araújo a ver as obras. Jorge, porém, tratava-o como uma visita e ele não podia perder a mania de que era muito superior ao amigo rico.

- Meu caro, dentro de dous anos, realizo a independência - dizia-lhe Jorge.

- Como?

- Negócios...

Negócios! Palavra mágica, palavra que, cada vez mais vaga, toma no Brasil proporções enormes e ao mesmo tempo, sutis - negócios!

Sabedores de que Jorge, com capital, repartia, vários numerosos cavalheiros passavam o dia a correr ao seu escritório, oferecendo contratos, concessões., negócios. Jacques, com o seu hereditário cinismo ingênuo, estava espantado. Nunca, na sua vida, imaginara que se fizesse dinheiro sobre o dinheiro, tão rápida e tão fantasticamente.

Pelo escritório de Jorge viu passar o Carlos Chagas, viu passar o Dória e viu também passar outros construtores, o Eleutério Souto, o maior *bluff* à espera de casamento rico, tendo um escritório com arquitetos franceses, o belo Passos Vieira, sem o mínimo talento, mas quase milionário, outros. Quem tivesse uma amizade imediatamente tratava de empenhá-la, de pô-la no prego. Mas Jorge dizia:

- São intermediários demais. Já agora não precisamos.

- Como não?

- Vamos de cara. Os próprios detentores dos negócios dão à gente...

- Com condições?

- Com boa vontade - fazia o industrial, subitamente discreto. - Mas os intermediários! Imagina que há um mês para certas obras orçadas em dois mil contos, recebo propostas trazidas por diversos rapazes. Algumas tinham a letra do próprio diretor da repartição, que prometia abrir concorrência. Mas eu conheci o diretor sem níquel, num *club* de prontos.

- Quando?

- Quando eu também era "pronto". E vi bem que ele embrulhava os rapazes, estando feito com uma casa amiga de que é sócio secreto.

- Mas é um imoral.

- Qual de nós é moral, Jacques?

Para aquele meio tudo era dinheiro. Jorge trabalhava das seis da manhã às seis da tarde. Depois lavava-se, perfumava-se, vestia-se e aparecia para o *vermouth*, numa confeitaria da moda, no seu lindo automóvel de sessenta cavalos. Aí era o mundano. Fazia-se uma roda em que aparecia Godofredo, sempre doente e sempre inquieto, Otaviano Soares, um jovem ambíguo, vários industriais de diversas nacionalidades, inclusive um irlandês e um turco. De raro em raro, o Barão Belfort, esse curioso das emoções alheias, parava um pouco, ao vir do *club*, que ficava na Avenida, a dous passos.

Jacques sofria sem saber que sofria, com a promiscuidade daquele pessoal. Gostava muito mais da outra roda, da roda da Cavé, às quatro. Lá estava no seu elemento, com gente conhecida, que já tinha chegado. E ficava calado, porque só sabia falar ingenuamente mal da honra dos seus conhecidos. Oh! A existência não era afinal apenas o seu reduzido grupo, as suas reduzidas pândegas e reduzidíssimas idéias. Bem sabia. Teimava desembaraçar-se de uma série de preconceitos, que o prendiam a uma casta sem dinheiro. E não podia, quando era preciso... Certo, o jovem encantador não refletia, com tanta clareza. Mas sentia. E sentir é tudo.

Os outros também sentiam que Jacques era melhor para divertir-se. conservava-o. Por simpatia? Por uma série de vagos interesses. Jacques era sempre decorativo. Quando pensava explorar o ousado Jorge, era de fato este que o aproveitava. Quanto a Godofredo, a verdade é que o a tratava, como uma criação mundana. Uma vez foi buscá-lo às seis horas, com o Jorge, à redação. Jorge falara por telefone. O telefone não se entendia. Deram então uns passos até lá. Jorge foi de mesa em mesa, a distribuir cumprimentos. A imprensa é uma grande força e o menor dos *reporters* podia prejudicá-lo, dando notícias dos desastres cometidos pelos seus automóveis, como podia fazer-lhe bem, levando qualquer negócio. Depois, conferenciou com Godofredo. Jacques não conhecia esses jornalistas, e, como todos da sua roda, não os tinha em grande conta - principalmente porque não tinham nem dinheiro nem nome. Só conhecia os donos dos jornais e três ou quatro cronistas, que como o Godofredo eram complexos: imprensa, aristocracia, política e chelpa. Quando terminou a conferência, Godofredo levou a conversa para um terreno mundano. Assim espantava os companheiros (as suas relações!), fazia espantar a Jorge e reduzia o pobre Jacques.

- Então é definitivo o divórcio da Zurich?

- Não sei, não; mamãe contou-me.

- Quem pede é ela.

- Como devem estar desgostosos os amigos do marido!

- Também o marido, recebida a herança da tia, batia-lhe.

- E não se pode dizer que não tenha bom coração.

- Apenas, agora é um coração que bate demais.

E falaram de Laura, que andava só com o Chagas, pela rua, à americana; e falaram de Mme. Gouveia, cuja paixão pelo hipismo levara-a a se fazer acompanhar por um *jockey*, o Gonzalez, argentino. Dilaceraram com dente afiado a honra de todo bando. Jacques tinha uma repulsão invencível por gente malvestida. De modo que, insensivelmente, o seu comentário agressivo ficava na roupa:

- O Gonzalez, com aqueles casaquinhos curtos e sujos.

- Um homem que foi *lad* da coudelaria do Espínola roleteiro.

Quando saíram, Jacques viu que se excedera servindo de tripode para o elegante cronista. Jorge tinha um riso amarelo, e ele ouviu, ainda a descer, o secretário indagar de Godofredo:

- Quem é esse idiotinha?

Para qualquer coisa na vida, é preciso antes de tudo persistência. Persistência e o esquecimento de sua classe. Jacques sentia que lhe faltava persistência e ou que espantava ou faziam por não lhe ligar importância, quando deixava os seus amigos. Aos poucos, foi deixando de ir ao escritório de Jorge, mas sendo cada vez mais o seu companheiro da noite. A vida é um prazer. Devemos gozá-la enquanto é tempo. O barão, que uma vez passava do *club*, tomou-o no seu carro.

- Levo-te até casa.

Jacques aceitou com vontade de pedir uns conselhos ao velho *dandy*. E o barão foi-lhe ao encontro.

- Então, como vai a linda criança na advocacia?

- Qual, barão, não tenho jeito.

- Não tem mesmo. Meu caro Jacques, o Rio de Janeiro é outro depois da Avenida Central. A mocidade de antes da Avenida era composta na sua maioria de estudantes alegres e despreocupados. Formado o estudante, ia tratar da vida, segundo as suas posses, depois de guardar os versos maus do tempo de menino, a recordação dos amores e a recordação das pândegas. Em regra geral, não havia senão ambições relativas. Com a abertura das avenidas, os apetites, as ambições, os vícios jorraram. Já não há mais rapazes. Há homens que querem furiosamente enriquecer e esses homens são ao mesmo tempo pais e filhos. Faz-se uma sociedade e constituem-se capitais com violência. E uma mistura convulsionada, em que uns vindo do nada trabalham, exploram, roubam para conquistar com o dinheiro o primeiro lugar ou para pelas posições conquistar o dinheiro...

- E os outros? - fez Jacques, que não se interessava demasiadamente pela tirada de psicologia social do barão.

- Os outros? Os outros são constituídos de pedaços heterogêneos da passada sociedade. Não se defendem. Têm família, os preconceitos da família no fundo, mas adaptam-se para ficar. E fazem a alta roda ao lado dos dinheirosos do momento, e tomam os seus processos, explorando de vários modos a sociedade. Tu...

- Eu?

- Tu nasceste para viver à custa da sociedade sem te incomodares.

- Isto é o que o senhor diz.

- É a melhor maneira. Não te canses. É impossível bateres a vida, como teu pai, como alguns dos meus companheiros de *club*, como Jorge ou Godofredo. A ti será preciso que venha o prato feito. E vem. Vem, porque seria uma pena se não viesse. Olha, diverte-te, ama. Estás na idade de amar. Não sei quem disse que primeiro o amor, depois a ambição...

Como são agradáveis os conselhos quando vêm ao encontro da nossa própria opinião! Jacques seguiu-os imediatamente. O consultório do pai foi apenas um ponto, onde passava alguns minutos, entre as três e as quatro, quando lá aparecia. O resto era a vida de prazer. Começava no chá da Cavé, às quatro horas, e lá ficava até às seis. O seu grupo era o Dr. Suzel, Bruno Sá e Belmiro Leão. O Dr. Suzel, inteligente e fino, fazia por esquecer o que sabia numa preocupação lambareira do mulhério de sociedade. Conhecia uma porção de anedotas, contava as ligações de cada uma, e estava permanentemente apaixonado por várias damas.

Bruno Sá, de dinheiro escasso, mas hábil, conseguia ser o homem mais amável do mundo. Era impossível haver outro mais gentil e mais sorridente. Ao aproximar-se de alguém, dizia logo:

- Sim, senhor!

Para mostrar que concordava. As vezes acabara, na mais estrita intimidade, de demolir o indivíduo. Mas as senhoras gostavam dele. Era uma figura obrigada de todos os bailes e de todos os salões. Belmiro Leão herdara do pai. Vestia bem, dizia mal dos outros e conquistava também, além de senhoras honestas, algumas *cocottes*. Era o passadiço, devido a esta qualidade extra, por onde Jacques passava para a roda de Jorge de Araújo, roda de confeitaria, de casinos, de *clubs* de roleta. e de pensões de raparigas loucas. Belmiro Leão, ao demais, usava um monóculo sempre entalado no olho direito.

Os quatro, com um chá modesto, tomavam conta do estabelecimento, sabiam o nome dos caixeiros e falavam com a *caissière* em francês. O Rio elegante passava diante deles. Suzel e Bruno cumprimentavam todas as senhoras do tom, e marcavam mesmo algumas entrevistas para o mesmo sitio, mais cedo, antes da afluência. Belmiro e Jacques também saudavam as *cocottes*, as melhores, afinal um pouco da família geral (o mundo é uma família) porque tinham sido, eram, ou tinham de ser amantes dos maridos das senhoras do tom, conhecendo-as muito bem, às vezes pelo apelido de casa, e sendo conhecidas também não pelo nome de casa que as próprias *cocottes* acabam por esquecer, mas pelo nome de guerra do momento.

Impreterivelmente, entre as cinco e as seis, aparecia Alice dos Santos. Quase sempre em companhia da ilustre Argemira de Melo e Sousa. O *flirt*, interrompido pela insolência da falta à entrevista, eternizava-se. Jacques nunca seria capaz de conquistar. Com as mulheres era sempre hipócrita. Queria, mas ficava quieto, sabendo que, quando são elas a desejarem, tudo fica mais agradável. A conquista de Alice satisfazia no momento as suas ambições adúlteras. Mas não dava um passo, não mostrava a menor animação, sempre na defensiva, excitando Alice com a frescura da sua mocidade ardente.

De resto, tinha de ser.

Alice dos Santos era um caso de frivolidade mundano e sensual comum. Passara até os vinte e três anos na província, com a atenção voltada para a vida elegante da capital. Fizera assim uma idéia exagerada de tudo: da moda, dos divertimentos, dos homens, da liberdade, dos costumes, acreditando em quanta fantasia lia nos jornais e em quanta invenção narram os provincianos de volta, para se darem ares. Os seus modos causavam impressão. Ela os tinha, entretanto, porque os considerava extremamente cariocas. Ao casar com Arcanjo, muito mais velho e pobre, posto que com posição política, casara com a mira de vir instalar-se no Rio, desejo a que se recusara sempre o velho estancieiro, seu pai; e não só para gozar os refinamentos da cidade como para dominar e ser a primeira entre as senhoras faladas pela beleza, pela fortuna e pela posição. O cuidado com que se comparava à fotografia das grandes damas nos jornais ilustrados para se achar melhor sempre! A pertinácia com que estudava nos *magazines* mundanos a tecnologia, a língua confusa da alta roda, aliás tão limitada! Quando

chegou, não quis usar nenhum dos antigos vestidos, nenhum dos antigos chapéus, que, entretanto, já eram grandes. Esteve incógnita oito ou dez dias, à espera de *toilettes* estupendas.

O marido era uma figura doente e simpática, que lhe fazia sempre as vontades com uma resignação de intendente. Realmente Arcanjo era doente como Rockefeller, dadas as devidas proporções de riqueza. Incapaz de falar na Câmara, porque dele se apoderava um tremor, que Godofredo dizia ser o prévio remorso da asneira - além da mulher, só duas coisas o preocupavam: o esperanto e o vegetarianismo. Ambas tinham com a língua, que não utilizava nos debates parlamentares. Vegetariano era-o por completo. Dedicara-se até a estudos especiais e nesses estudos vieram a causar-lhe inquietação as conclusões de um célebre médico num congresso de patologia geral sobre a influência dos legumes no caráter. Arcanjo sabia na ponta da língua que o espinafre desenvolve a ambição, a constância e a energia; a azedinha leva à melancolia; a cenoura é recomendada aos biliosos e aos maridos infelizes; a vagem incita à arte; o feijão branco convém aos intelectuais; o *petit-pois* é frívolo; a couve-flor agrada aos egoístas e a batata provoca o equilíbrio mental.

Para sentir-se possuidor de um caráter de primeira ordem, fora aos poucos misturando, tanto que acabou por almoçar e jantar *panaché* de legumes. Indicava aliás essa alimentação aos artríticos, concluindo sempre:

- É tão boa que o Dr. Zamenhoff continua vegetariano.

- Que Zamenhoff, Arcanjo?

- O pai do esperanto, a língua universal, a língua em que daqui a tempos poderei falar em qualquer país do mundo, quando esses países souberem o esperanto.

Era afinal um bom sujeito. Não há ninguém que não seja um pouco bom. A teoria do absoluto é impossível aplicada às qualidades.

Alice aceitava-o sem repugnância, pensando, aliás, noutra coisa. Esta outra coisa era a fixação na sociedade, "como devia ser". Era preciso montar casa, imediatamente. Arranjada a casa na Avenida do Entroncamento, uma nuvem de fornecedores caiu sobre eles, explorando-lhes a vaidade provinciana. Em toda parte é mais ou menos assim. Mas Arcanjo tinha a lutar com os empenhos dos políticos e as opiniões de algumas relações mundanas que valorizavam os fornecedores. Os colegas de política escreviam a pedido empenhando-se pelo fornecedor de tapetes ou pelo fornecedor de louça. Arcanjo recebeu até por intermédio de um agente de mobílias uma carta do seu Grande Chefe, dizendo textualmente: "precisamos ajudar os nossos amigos".

- Amigos dele! Nem o conheço! Com certeza reforma algum compartimento do seu paço!

Mas atendeu também a um mercador de tapetes orientais recomendado pela bancada do Pará, acabou com vontade de montar outra casa, para satisfazer a todas as bancadas.

- Como se metem na nossa vida!

- Oh! filho, são os próprios fornecedores que vão pedir. Não viste com os automóveis?

Com os automóveis, uma das casas trouxera até uma recomendação do cardeal. Com um pouco mais trã-la-ia do Papa em pessoa. Era uma casa que fornecera automóveis por preços altíssimos para todos os serviços prováveis do governo, e distribuía alguns grátis. Arcanjo e Alice, porém, impressionaram-se com a opinião dos seus conhecimentos da alta sociedade. Eram os primeiros, alguns rapazes, das melhores famílias, mas desses que preferem a transação ao trabalho. Também são esses que constituem sempre o piquete de reconhecimento da sociedade que se preza, passando uma vidinha de perpétuo regalo e explorando os pretendentes ao escol com um cinismo acima da expectativa. O primeiro a aparecer fora Carlos Chagas. Era correto, delicado, tinha esplêndidas relações, e como não se empregava em nada

de confessável, resolvera ter gosto. Ter gosto pode ser uma profissão, dada a raridade do gosto. Era de resto sempre uma apresentação.

- Ah! "seu" Arcanjo - dizia atirando piparotes no ventre doentio do deputado vegetarianista - gosto tenho eu. Aqui neste país não se tem a noção do *chic*. Ninguém como eu sabe pôr uma mesa, arranjar um *menu*, decorar uma sala. Gosto tenho eu. Falta o dinheiro. Também quem já pôs fora três fortunas...

Sempre que se referia à moeda, precedia-a daquele determinativo que a realçava. Nunca dizia: dinheiro. Dizia sempre: o dinheiro. E com tal autoridade que era da gente pedir-lhe desculpa por vê-lo sem o dinheiro. Em duas palhetadas dominou o casal com decretos de elegância.

- Vi hoje uma jóia *chic*, cousa boa, que lhe vai a calhar. É para uma pessoa distinta.

Os esposos terminaram as dificuldades das escolhas, fazendo-o árbitro.

- Como achas?

- Não, como gosto distinto fica melhor assim.

Tinha gosto até a escolher o trem de cozinha. Os fornecedores, vendo a sua decisiva importância, procuraram ter gosto também. Ficaram os que tinham mais. Arcanjo devia ter pago preços de fábula pelo mobiliário, pela galeria de quadros, pela prataria. A casa já estava pronta quando Chagas, o Dória (que se dizia descendente dos Dória de Itália), o Raul Pereira, filho dos Marqueses de Pereira e outros rapazes da mais fina roda sem vintém lhe descobriram, um faqueiro histórico, faqueiro de setecentas peças de prata lavrada, oferta de um amigo em delírio ao Generalíssimo Deodoro. A esposa do Generalíssimo desfizera-se aos poucos do faqueiro colossal. Um colecionador reunira, porém, todas as facas, em que o proclamador da República - (os vendedores diziam-se no fundo, por *chic*, monarquistas) - nunca pegara. O faqueiro vinha à mão de Arcanjo por nove contos fortes, porque o colecionador tinha residência em Lisboa.

A casa ficou vistosa. Parecia um cenário de Antoine, quando se propõe reproduzir, na montagem das peças salões de luxo. Havia tapetes, bronzes, quadros, escadarias forradas de veludo cor de vinho e cor de granada, palmeiras em vasos de variados feitios, um *coupé*, um automóvel.

Alice, inteligente, consultava os costureiros, as modistas, os joalheiros, e aparecia cada vez mais desejosa de vencer. Mas sentia nitidamente a hostilidade dos *leaders*, das *leaders* mundanas.

A mãe de Eleonora Parckett dissera:

- Não posso freqüentar essa rapariga, que não é da nossa sociedade.

A mãe de Eleonora, ao que diziam, começara dançarina. Mas era falso. Luísa Frias denominara-a de "ave exótica". Havia outras ironias agudas. Alice percebeu que, se os homens em tal meio vencem com o dinheiro e braço, as mulheres podem vencer aliciando para o seu partido os homens. Apenas exagerou. Quando num baile, numa festa, na rua, no chá das quatro, nos dias de Mme. Pedreira, às quintas de Argemira, percebia ter agradado mais a um cavalheiro, sentia como a ebriedade da vitória e ultrapassava o *flirt* para irritar as proprietárias legítimas ou ilegítimas desse cavalheiro. O resultado era inteiramente desastroso. Os homens contavam uns aos outros, com perfeita discipulação, os avanços da bela Alice, e o grupo de admiradores aumentava à proporção que a tolerância familiar esfriava. Venceria? Era ainda a mais honesta, era apenas uma vítima do esnobismo dos equilibristas da alta vida. E no fundo, nos seus nervos, só sentia um certo interesse por Jacques: Jacques com as suas largas mãos, a sua tez cor de pêssego, aquela boca tão carnuda e rubra, os dois olhos molhados, o cabelo negro, repartido ao meio. Jacques era o que lhe mostrava maior indiferença... Outra qualquer

desanimaria, Alice, porém, tinha a Sra. de Melo e Sousa a seu favor.

A Sra. de Melo e Sousa passava por ser das mais ilustres damas da sociedade, fidalga de verdade, nobre de fato, inteligente, culta, requintada. A sua ascendência era conhecida de quatro séculos, sendo no Brasil anterior à vinda de D. João VI. As pequenas crônicas privadas davam-lhe na linha direta três monjas, quarenta adúlteras, cinqüenta generais, cinco artistas, dez juristas, vários diplomatas. Argemira mostrava-se culta com simplicidade. No seu tempo de moça amara muito, independente do marido, a quem aliás sempre respeitara, nas constantes viagens pelo estrangeiro. Agora, não velha, que senhora tão cuidada e de tão formoso espírito não envelhecia, mas apenas "datava" como se fosse do XVIII século, assistia a sorrir à eclosão da nova sociedade, amando a mocidade e amando o amor. Por isso, talvez protegesse os jovens, e, como sabia a crônica geral, perdia-os com anedotas autênticas da vida real de cada um, francamente corrosivas. Além do mais, Argemira queria ver caminhar o seu caro Jacques. Foi ela quem os aproximou de novo, sem a menor alusão à falta do lindo mancebo, fazendo-se encontrada como por acaso...

- A Alice recebe agora os seus amigos.

- Ah! meus cumprimentos.

- Arcanjo ainda não o preveniu?

- Ainda não.

E a linda Alice:

- Pois temos muito gosto.

Depois, era o chá a três, com conversinhas mais ou menos picantes, em que Alice flambava como um ponche, eram perguntas, indiscrições. A jovem tinha a idéia de que Jacques devia ser disputado por todas as mulheres. As mulheres pensam sempre assim, quando desejam, para sustentar e manter o desejo. E perguntava nomes de *cocottes* no Lirico e na Cavé, sorria maliciosamente, sempre que Jacques cumprimentava alguma dama. D. Argemira sabia conservar a atmosfera, divertida com o *flirt*. Jacques parecia tão agradecido... Um mês depois, Belmiro Leão apareceu indignado no chá das quatro.

- Olha - disse a Jacques - estive ontem na festa de caridade da Irmã Adelaide com a Alice e D. Argemira. É de força a Alice...

- É, ela contou-me que lhe disseste inconveniências e passaste uma cartinha embrulhando uma flor. Lemos a carta.

Belmiro Leão ficou rubro e indignado. Aquele processo da Alice parecia-lhe de uma depravação inqualificável. Não a cumprimentaria mais! Há coisas que não se contam. Nunca fizera papel de tolo. Ah! ia perder aquela impertinente no conceito público...

Jacques ficou glacial e ergueu-se logo.

- Mas olha, não tenho nada contigo; é com ela. Tens sorte, és o amante.

- Quem te disse que eu era o amante?

- Ah! bom, não sabia que era paixão. Cavalheiro...

Jacques saiu contrariadíssimo e encontrou na Carioca, ao subir para o *coupé*-automóvel, Alice e Mme. de Melo e Sousa. Há acasos fatais. A vida é um grande acaso.

Argemira pasmou:

- Por aqui a esta hora? Aposto que adivinhou a nossa presença?
- Não. Vou para casa.
- Está aborrecido? - indagou Alice.
- Não; estive com o Belmiro Leão e ele está furioso com a senhora.
- Comigo?
- Porque contou-me a cena de ontem.
- A quem poderia contar então? - fez Alice.
- Ora deve ser divertido o Belmiro. Venha você narrar-nos a cena por miúdo.
- Onde?
- No auto, conosco - disse logo Argemira. - Alice ia levar-me a casa. Levam-me os dous.
- Mas não chego.
- Vais no meio, um pouco apertado.

Alice um tanto trêmula, lembrou-se entretanto que era uma elegância espantosa essa de irem num carro apertadas várias pessoas. Jacques também estava trêmulo. Mas concordaram. Subiu primeiro Alice, depois ele. Por fim Mme. de Melo e Sousa. Jacques ficou na ponta do assento, entre o vestido roxo da ilustre dama e o vestido de veludo castanho de Alice, um vestido em que o seu corpo cheiroso parecia num estojo...

- Laranjeiras! - disse Argemira. - Para minha casa. - E depois: - Conte lá, menino terrível.
- Ora...

Jacques contava. Contava e sentia que insensivelmente o seu corpo ia tomando mais assento e que de Alice vinha um perfume doce, agradável, macio. Ela ficara silenciosa, olhando-o.

- Que me olha tanto? - indagou Jacques.
- Admiro a pérola de sua gravata.
- Bonita? Foi a mamã que ma deu.
- Gosto muito de pérolas.
- Quando não são as da Luísa Frias - interrompeu Argemira - falsas como a onda...
- Esta é verdadeira.
- Quem duvida? Você tem cada idéia...
- Não, que a senhora é muito perversa.
- Eu?
- Mostra-me a pérola? - pediu Alice.

Jacques tirou o alfinete da gravata. O automóvel dava solavancos. Passou-o à Alice, apertando-lhe os dedos.

- Tenha modos. Deixe de brincadeiras.

- Está enganada.

Mas viu que Alice se recostava e, pegando o alfinete pela ponta, roçava a pérola na face, nos lábios, no pescoço, pelas pálpebras, vagorosamente, como afastada do mundo, as narinas palpitando. Passou a mão na almofada e encontrou uma outra mão gelada, que tremia. O silêncio caíra de chofre. D. Argemira sentia, sem ver. Alice ofertava-se à pérola, que é a pedra de Vênus. Ele estava numa impetuosa onda de sangue e de desejo. Era o momento. O automóvel parou, sem que dessem por isso. Argemira saltou.

- Não os convido para entrar. É tarde. *Mercipelo* obséquio. Até logo à noite, não?

Nenhum dos dous respondeu. Eram incapazes de dizer uma palavra com senso. Em roda, como dizem os romancistas, o mundo se alheara, vago e indeciso. Ela só queria ele, ele. A sua carne vibrava um suspiro de apelo. Qualquer palavra seria inútil. Jacques puxou num rápido gesto os *stores*, soprou, no tubo acústico: devagar! enlaçou-a na violência da sua adolescência vitoriosa. Ela ainda meneou a cabeça, fugindo ao beijo almejado. Mas ele prendeu-lhe a face com as duas mãos e sorveu na sua boca vermelha a boca saudável de Alice.

- Mau! - fez ela. - Como demoraste! - E, numa ânsia tropical, o seu lábio procurou o dele, sorveu-o também, enquanto os dous corpos se enlaçavam na harmonia indizível do desejo.

E o automóvel, devagar, buzina pelas ruas, ameaçando os transeuntes. Eram seis e meia da tarde.

## V

### *O incidente fatal*

O amor é uma felicidade transitória, mas irradiante. Só quem nunca amou pode imaginar o amor eterno. Só quem ignora as delícias dos primeiros tempos de uma paixão na agradável posição de amado, pode acreditar possível o segredo no amor. Não é preciso ser indiscreto, não é preciso dizer palavra. Cada gesto, cada olhar, cada inflexão do homem amado revela o deus que comeu ambrosia. Os outros homens ficam, sem saber por que, irritados, e mesmo muito amigos, procuram falar mal do feliz. As mulheres, todas as outras mulheres sentem de súbito uma incompreensível simpatia. E uma corrente misteriosa que põe o mundo exterior no segredo. De um lado aumenta a atração, de outro os homens se tornam ainda mais pólo negativo. A sabedoria do profissional é mudar imediatamente de amante para conservar a atmosfera. Jacques não era um profissional. Mas logo percebeu que entrava mais no mundo, muito mais do que quando se formara ou começara a vida prática. Certo não era nenhum ingênuo, nem caíra nos braços de Alice para aprender essa coisa difícil que no século XVII chamavam arte de amar e no século XX chamam *sport* do engano. O fato, porém, é que nem a criada iniciadora, nem as sextas passadas com a quase virgem Ada na casa do barão, nem a italiana oxigenada do desagradável incidente da sopa e da cautela, nem as pequenas de várias nacionalidades encontradas nos *clubs* e nos *music hall*, lhe tinham dado a satisfação pessoal, a plenitude, a segurança da sua vitória como o apetite, a violência amorosa de Alice. Nas ações menos importantes, Jacques sentia-se excepcional. Ao chamar o criado para a fricção de água-de-colônia, ao levar o garfo à boca, ao tomar um aperitivo, mesmo só, a caminhar no seu quarto, era como se conduzisse um objeto raro, alvo das atenções alheias. Está claro que não correspondia a tanto amor. Um rapaz de linha não se compromete assim. Gozava, entretanto, muitíssimo, assistia com aplausos ao ato de Alice, tanto mais quanto de um momento para outro aquelas senhoras que o tomavam por um menino de maus costumes, revelavam uma complacência curiosa. Curiosa e prometedor. As senhorinhas, como Laura Gomes, faziam alusões veladas.

- Já ninguém o vê, Jacques, a não ser com a política...

A Viuvinha Ada Pereira retivera-o numa das recepções de sua mãe a tarde inteira a conversar.

Jacques não tinha uma palestra muito variada.

A viuvinha, ao contrário, gostava de conversar. Mas dava-lhe a deixa, trazia a baila assuntos possíveis. Não se conteve:

- Conte-me alguma coisa de novo.
- Não há nada, nada.
- Ora, conte-me a sua vida.
- E logo esse corte num ponto tão interessante do folhetim!

Gina Malperle, cada vez mais íntima amiga de Mme. Andrade, uma das três irmãs, que no momento disputavam o bastão da beleza, levou certa vez dois minutos com a sua mão presa, enquanto a admirável Andrade descia do seu papel de deusa e parecia requerer o voto daquele Páris último aeronave. Era a roda toda, indireta, mas visivelmente. E não só a roda. As mulheres livres olhavam-no de outro modo, tratavam-no de outra maneira.

- *Tiens! voilà Jacques...*

Era uma festa, nos salões de ceia dos *clubs*. Talvez Jacques exagerasse. Mas até nas ruas, nos *tramways*, rapariguitas pobres, senhoras desconhecidas, fixavam-no com a volúpia feminina que é a volúpia da serpente, a virtude de olhar e esperar. Com a sua educação, Jacques não cairia na vulgaridade de se julgar irresistível, como qualquer caçador de rua. Mas os fatos provavam, e ele, por um fenómeno reflexo, estava mais cheio, mais bonito, mais radiante.

- Este menino sua amor! - exclama a venerável Sra. Ataíde.

Todos os meninos suam amor, antes dos vinte anos, quando têm a amá-los uma criatura bela e ardente...

Alice dos Santos também não fazia por ocultar em público a sua conquista. As pessoas que a recebiam e a cumprimentavam ficaram hesitantes. Algumas damas invejaram-na. Outras encheram-se de ternura. A relíquia da monarquia, Sra. de Muripinim, deu para tratá-la de "minha filha", contando-lhe velhas histórias da Quinta, em carros do paço, os bailes dos mordomos, os *flirts* dos príncipes, a mania que o imperador tinha de trair a imperatriz só com atrizes.

- Era um sábio, minha filha, gostava muito de teatro.

A venerável mãe de Eleonora dissera:

- Se essa menina engana o marido, o caso é com o marido.

E D. Malvina teve um fraco de agradecimento maternal, satisfeita com a paixão inspirada pelo filho. Deu uma porção de conselhos graves e impertinentes a Alice, que aliás não os poderia seguir. No estado de espírito em que se encontrava a esposa do deputado vegetariana, só podia considerar o casamento a província do amor. Jacques era a capital, a capital mundana. Ela começava a realizar nele o que desejava realizar com a cidade. Tê-la sua, dominada, inteiramente sua. Depois da cena do automóvel surgiram as necessidades crescentes e a urgência dos primeiros encontros. Era impossível ser sempre no automóvel. Impossível e perigoso. Não pareciam convenientes os alvitres lembrados por Jacques, assaz sem dinheiro: um ou dois hotéis na Tijuca, em Santa Teresa.

- Não convém.

- Que há?

- E toda essa gente que te há de ver? Não, não.

Uma casa comum, casa do ofício, seria muito reles. Alice não iria, nem ele lembrou. No terceiro dia, porém, Jacques foi visitá-la a casa, às duas horas. Ela recebeu-o como uma criança. Assim que o criado voltou as costas, caiu-o de beijos, e ele já julgava o salão agradável, quando vieram anunciar as Soares, relações políticas do marido, gente das Alagoas, de passagem para a Europa. Não se podia estar naquela casa tranqüilo! Jacques então lembrou-se de Godofredo, do quarto de Godofredo. Era a solução. Godofredo seria discreto. Ao demais, nem precisava saber de que se tratava. Correu a procurar o cronista. Godofredo estava num dos dias de mau humor. Não se podia dizer que estivesse pálido. Era verde demasiado, eram grandes olheiras. De instante a instante torcia os dedos. Os negócios não lhe corriam bem decerto, as relações políticas divertiam-se contra o seu valor.

- Que tens?

- Nada, complicações morais.

- Os negócios?

- Ah! os negócios. Já vens tu com a seca dos outros também. Negócios! Que negócios! Não faço nenhum. Antes fizesse. Não é culpa minha. Mas ainda dou o tiro definitivo.

Invariavelmente, como sempre, nesse grave assunto, contradizia-se. Jacques aproveitou.

- Tens duas chaves de trinco?

- Eu?

- Sim, do teu quarto.

- Não tenho quarto.

- Como?

- Tenho a frente de uma casa.

- Vais emprestar-ma durante o dia.

- Emprestar, para quê?

- Segredo...

- Ah! bravo.

Mas explicou como era impossível: uma rua cheia de vizinhança sempre à janela; a casa com uma dúzia de crianças, que vinham para a porta, por não ter as janelas, e o seu quarto cheio de livros, papéis, uma trapalhada, uma barafunda! Jacques não se sentiria bem e a pessoa, que devia ser de sociedade, também não.

- Tenho uma grande biblioteca. Não imaginas. Na mesa, papéis, escovas, velas, frascos de essência (porque só escrevo cheirando heliotrópo e violeta), um inferno!

Havia, entretanto, a solução. O Barão Belfort era um dos quatro ou cinco homens da cidade possuidores de *garçonnières* dignas de receber pessoas decentes. Ocupara-a, havia dois meses, com uma anedota sentimental de somenos importância. Podia cedê-la. Iria ele, pessoalmente, se Jacques achasse imprudente aparecer.

- Fico-te muito agradecido.

- Com que então já conquistador?

- Oh! Godofredo.

- Fazes muito bem. Conquistas de primeira plana colocam sempre bem.

- E vais hoje?

- Hoje, não posso. - E irritado: - Não posso, é impossível. Estou com azar. Tudo falha. O barão seria capaz de negar.

Jacques submeteu-se ao fetichismo do homem superior, e no outro dia, o criado de Belfort, um criado francês, foi pessoalmente entregar-lhe uma chave de prata, com esta palavra a lápis, em papel timbrado do barão: Excelsior!

A *garçonniere* era de um gosto apurado e fino. Ficava numa das ruas que desembocam no Flamengo. A casa era própria. Constava de cinco peças. No salão pequeno havia por mobília um caro tapete, um baú medievo, um contador espanhol, algumas telas de Corot, de Turner, uma vitrine com esmaltes e medalhas antigas, cortinas pesadas de seda. Logo depois, uma sala maior, à XVIII século, laca e tapeçaria gobelino moderno. As paredes eram forradas de seda rosa. As cortinas eram de seda quase branca. Em medalhões, Lancret, Watteau, Boucher, três telas em que o amor se repetia galante. O lustre, em bronze verde fantasiava a escalada dos amores. Havia uma *bergere*, um *divan*, um leito, e o ambiente estava impregnado de essência de rosas. A seguir, a sala de banho, feita de mármore colorido, alabastro verde, e cristais de tonalidades mortas. O conforto e a higiene tinham organizado aquela peça. Havia o leito de mármore forrado por um tapete persa para as massagens, havia a máquina elétrica do leito condensador, tabuleiro de cristal com frascos de todos os tamanhos, em que se encontravam desde as essências perfumadas até a terebentina. E a piscina de alabastro verde, enchia pelo fundo de água morna, água a ferver ou água gelada. Logo depois vinha a sala de jantar, mobiliada ao gosto inglês, aconchegada e agradável. Por fim a cozinha, com um fornecimento em latas e garrafas de tudo o que faz mal e sabe bem; vinhos da Hungria e da Borgonha, *champagne*, *foie-gras*, trufas...

- Homem esplêndido! - fez Jacques.

Era esplêndido, principalmente porque, à sua primeira necessidade frívola, presenteara-o com aquele luxo, com o uso daquele luxo. Jacques decerto não pensava em possuir o luxo. Bastava usá-lo. Sempre fora assim, e assim sempre seria. O efeito foi aliás fulminante na cabecita de Alice. O luxo, a elegância davam-lhe ao amor um supremo requinte. Ela sentia-se bem, sentia-se apreciada. Quando as mulheres amam, sentem coisas de que o bom-senso desconfiaria mesmo em estado de cometer imprudências. E foi no primeiro mês o grande duo fundamental nos dramas musicais de Wagner e em quase todas as existências. Ao acordar, Jacques tinha uma cartinha de Alice exigindo alguma futilidade ou a sua presença em qualquer lugar. Alice escrevia bem, abusava um pouco. Logo depois do almoço, o filho do Dr. Justino não se possuía. estava com Alice nas exposições, nos carros, nas conferências, nos teatros, em casa dos conhecidos. Até mais de meia-noite, às vezes nos bailes até pela madrugada, era do casal, conversando com o marido, valsando com a esposa, amado por ambos. Sim, porque Arcanjo amava-o com enternecimento, estava desvanecido com a companhia mundana de Jacques. À *garçonnière* nunca chegavam juntos. Ou vinha ela primeiro ou vinha ele. Quando ela chegava de automóvel ele chegava de carro, quando ele aparecia em auto, era ela que se fazia conduzir de trem. Alice transportara para o ninho um completo sortimento de *dessous* admiráveis, *kimonos* de levantar de seda leve, irlandas bordadas. Jacques nada levava.

- Meu amor! - dizia ela ao entrar, logo dependurando-se dos seus lábios.

- Linette! - dizia ele, deixando-se beijar.

Alice, se tinha uns caídos muito brasileiros, isto e, muito torrãozinho de açúcar a derreter e as

palavrinhas ternas, melosas, em que a brasileira vence o *record* mundial, distanciando mesmo a chinesa, Alice era inteligente. A inteligência dera-lhe uma ousadia ainda acrescida pelo desejo mundano de parecer bem, de parecer como nos romances. Depois era empolgante e enebriante. Não se poderia dizer que um ensinava ao outro. Ambos aprendiam com a ingenuidade cínica que o amor incute, o amor ou o desejo, e ambos queriam trazer novidades. Quando ambos estão nestas disposições, as coisas vão sempre longe. Não haveria o *Kama-Sutra*, o "El-Ktab" e outros volumes do ritual amoroso, prolixos em novidades, se os casais perfeitamente convencidos não se entregassem à aposta de trazer impressões novas. O desenvolvimento das ciências é devido ao estímulo da primazia na descoberta, dizia um venerando homem. Depois, Alice tinha um espírito satírico que agradava nos intervalos. Fazia troça feroz das senhoras conhecidas, arremedando-lhes os gestos, caluniando-as. Vingava-se assim. Jacques, a fumar um turco ponta de ouro, ria francamente, e contava coisas...

- Elas também gostam de ti.

- Quem te disse?

- Adivinhei.

- Falso. Não gostam...

Alice estava convencida de que arrebataria o jovem a um batalhão de amorosas. Jacques era bem homem para não desiludi-la. Sempre convém mentir.

- Jura que eu sou a primeira?

- Juro - fazia ele rindo de tal maneira, que se comprometia ainda mais.

Depois dava-lhe conselhos que Alice recebia com docilidade, incutia-lhe gostos delicados para as *toilettes*, as jóias e dava informações muito apreciadas sobre a maioria dos seus amigos: o Bruno Sá, o Dr. Suzel, o Belmiro Leão, que deixara abertamente de cumprimentar Mme. Arcanjo dos Santos.

- Ainda zangadinho?

- Não imaginas, filha...

Um mês depois, a chama, como dizem os poetas românticos, começou de diminuir. Conservavam-se uma preferência carnal, o desejo de não acabar, mas acrescido pelo vago instinto da curiosidade que, como se sabe, limitou o mundo e o ensinou a ler em caracteres cuneiformes, sem mestre. Nenhum dos dois deu, porém, claramente, pelo caso. Estavam em plena *season* chegara para o hotel em que moravam Bruno Sá e Suzel uma grande atriz. Era o hotel das notabilidades de todo gênero: diplomatas, artistas, argentários, industriais, políticos, grandes artistas, "grandes cavadores", como não deixava de resumir Godofredo. A atriz parisiense trazia outras encantadoras atrizes. Jacques ia jantar sempre lá, em companhia de Bruno. Godofredo, cronista, que fazia crítica dramática e visitava com frequência o jovem ministro, lustro e fulgor, reclamo luminoso do hotel, apresentou-os. Apresentou com satisfação, porque esses parisienses teriam uma idéia limpa e francesa da nossa sociedade.

Imediatamente, a grande atriz foi de uma simpatia desvanecedora. E à hora de jantar, como em geral ela não aparecia, comendo nos seus aposentos, tal qual Mme. Sarah Bernhardt e Mme. Réjane, divertiam-se com as outras. De resto, a ilustre artista já lhes oferecera um jantar de que fazia parte um grande psicólogo, pago pelos governos sul-americanos para fazer conferências sobre a alma feminina em Buenos Aires, Montevidéu, Rio e Rosário.

Além desse acontecimento mundano importante - Jacques não tivera nunca a intimidade dos renomes universais - um outro preocupava a atenção, não só dele, como de Alice, como de toda sociedade: a grande festa de caridade em favor do Dispensário da Irmã Adelaide. Mme. de Melo

e Sousa e a Baronesa Parckett, mãe de Eleonora, dirigiam o acontecimento. A princípio pensaram no Casino. O Casino era pequeno. Depois estabeleceram definitivamente tomar conta de um jardim público.

Era preciso arranjar grátis o jardim, as obras necessárias para as transformações, uma tómbola formidável e um programa espantoso. O comércio, a indústria, a administração estendiam as mãos à alta sociedade para proteger os pobres. Estendiam e davam. A sua ação a isso se limitaria, como a ação do jornalismo seria a de fazer um reclamo permanente até o dia do espetáculo. A organização das comissões seria mundana. Os rapazes de gosto ociosos apareceram. Chagas fez uma planta do jardim com os lugares das barracas marcadas a bandeirinhas vermelhas. A importância das barracas variava, segundo o tamanho da bandeira. Dória, já expulso do seu meio, veio à cena como utilidade. O filho dos Viscondes de Pereira encarregou-se do capítulo *sport*, marcando regatas, corridas a pé, tobogã, gincana e algumas cousas irrealizáveis que lhe davam o pretexto para dizer:

- Qual! nesta terra tudo é impossível! Qual! estamos num país selvagem.

Godofredo ficava com a parte de teatros, muito contrariado aliás. A parte de teatro constava de uma comédia, naturalmente em francês, por amadores da nossa melhor sociedade, um intermédio em que figuravam por especial distinção o grande tenor Zenaro da companhia lírica, a notável atriz francesa e uma atriz portuguesa, que nenhuma das damas conhecia, por não freqüentar teatros, principalmente em português e finalmente, à noite, uma série de quadros vivos, com projeções elétricas, assunto religioso: "A Caridade". "A Samaritana". "Cristo e a Adúltera".

À escolha das diretorias das barracas, posto de sacrificio, presidia uma grande diplomacia. Só Mme. de Melo e Sousa poderia sair-se bem, pondo em relevo as personalidades dignas disso.

A primeira reunião do *comité*organizador foi agitada.

Faltaram várias pessoas, censuradas aliás, e as comissões só foram nomeadas às onze da noite; comissão de angariar donativos, comissão de direção dos trabalhos, a de teatros, a de política, a das barracas.

- Falta alguma cousa - dizia Luísa Frias.

- Que falta?

- Não sei, mas falta.

- A parte infantil - rouquejou a Sra. Muripinim.

- É isso! é isso mesmo! - exclamavam de todos os lados.

- Quem se encarrega da parte infantil?

Ninguém queria. Era preciso pensar. Faltavam de resto mais cousas, para *corser le programme*.

- Tenho uma idéia - ganiu o Dória, que dava tudo para se conservar.

- Qual?

- Uma cartomante, que lerá a *huena-dicha* ao público.

- Estás louco? Todos quererão dar a mão.

- Descansem, é pago.

- Ainda assim.

- Lembro uma orquestra de fados portugueses.
- Mas isso, Dória, é impossível. Quem vai cantar fados?
- Esperem, explico-me, deixem-me explicar. Imagino uma orquestra de moças, tocando só bandolim.
- Ah! bem...
- Haverá uma jovem no Rio que não toque bandolim? Bem sei, Godofredo, que é desagradável. Mas tem um meio: não te aproximes, o jardim é grande. Escolhemos os últimos fados, os literários.
- Realmente - fez Etelvina Gomensoro, *née* d'Ataíde - conheço alguns; são lindíssimos...
- E depois muito distinto - decretou a ilustre Argemira.
- Mme. Gomensoro cantará os fados.
- Como quiserem.

Imediatamente a reunião inteira resolveu adotar o fado. Eram loucos pelos fados. Depois debateram a questão financeira.

- Deixem comigo o caso - liquidou Chagas, por alcunha "Ganhou o macaco". - Fiquem descansados...

Mas ao contrário do que imaginava, o oferecimento causou um discreto alarma. Chagas era um rapaz encantador, de muito bom gosto, que talvez por isso tinha a leviandade de não saber resistir nem às *cocottes*, nem ao *baccara*. O dispensário mudaria de nome.

- Não, não - disse a Sr.<sup>a</sup> Pedreira - precisamos de nomes para impor aos negociantes, senhoras de posição.

Alice irradiava. Era da comissão que iria convidar o presidente da República, era chefe de uma barraca de flores, entrava nos quadros vivos, e como Belmiro Leão, por indicação de Argemira, fazia parte da comissão, teve o prazer de vê-lo vencido vir cumprimentá-la.

- Somos companheiros?
- Da santa cruzada do bem. Os pobres antes de tudo.
- Há várias espécies de pobres.
- Eu só não tolero os pobres de espírito.
- Pois admira. Os pobres de espírito são a melhor gente deste mundo.

Em compensação, Jacques sentado entre Luísa Frias e Laura Gomes, num *flirt* perfeitamente agradável, sentiu-se de repente nomeado para a comissão da política. As suas relações obrigavam-no a pertencer a essa comissão com Arcanjo dos Santos e a Viuvinha Amélia. Era aquele pretexto que o punha em contato com os detentores dos dinheiros públicos. Quem diria? A vida é uma surpresa.

No dia seguinte, a *garçonnière* ficou deserta. Alice dos Santos ia com o *comite* diretor ao jardim público, tomar disposições *sur place*, porque a planta do Chagas fora declarada inútil. Iam as Sr.<sup>as</sup> de Melo e Sousa, a Baronesa Parckett, a encantadora Gina Malperle, Mme. Gouveia, e como homens, só Bruno Sá, Suzel e Belmiro Leão. Era como eles gostavam os três - de andar, só os três, benditos entre as mulheres. Suzel tinha um apetite pueril pela Baronesa Parckett,

Bruno dizia cousas sérias à Malpene, Leão, naturalmente, caminhava com Argemira e Alice. E como chovera na véspera e o dia estava sombrio, pelas aléias desertas errava uma vaga e úmida melancolia.

- Gosto tanto dos jardins. Um jardim assim faz pensar no amor.

- Se o amor foi revelado num jardim!

- Mas eu penso no amor de outrora e não no de agora. O amor num jardim.

As senhoras levantavam um pouco os vestidos escuros para dar volta nos lugares em que a água empoçara. Havia sorrisos que diziam mais do que as palavras, por serem imensamente vagos e tênues. Luísa estava com frio. E da festa foi impossível fixar qualquer coisa além da hora.

- Aqui ficava bem uma barraca...

- E aqui...

- Também...

- Onde ficará a vendedora de cartões postais?

Frases cansadas, sem ânimo, como se fosse uma fadiga superior às forças gerais, animar o velho parque melancólico com uma festa mundana. E cansados todos, estavam, entretanto, gostando. Deram uma longa volta, para fazer apetite para o almoço. Alice voltou só, no *coupé*-automóvel, abstrata.

Nessa ocasião, Jacques preparava-se para ir à Câmara, encontrar Arcanjo. Vestiu-se com um apuro inglês. Fincou na gravata escura a pérola com a qual Alice revelara desejá-lo logo. E foi, pausado. A festa de caridade ia introduzi-lo no meio que almejava entrar, mas de modo elegante, sem rebaixar-se. Munido do cartão dado por Godofredo (era o segundo de que se utilizara, porque até então só usara o do cinematógrafo) - entrou pelos corredores que ladeiam o recinto. Estavam num grande dia na Câmara. Os corredores tinham cento e vinte pulsações por segundo. Jacques passou a custo para uma cancela do deplorável recinto a descobrir Arcanjo. Afinal deu com ele, sentado, pálido. Arcanjo viu-o também, mas não se moveu. Nem o saudou. Jacques esperou meia hora, prestando atenção ao discurso.

O discurso era inverossímil de idiotice. Fazia-o um dos mais aplaudidos parlamentares. Jacques não gostava de discursos. Tinha razão de resto. Estava com a opinião de um estadista eminente, James Balfour, que já disse: "As criaturas que fazem ou ouvem discursos em vez de jogar o *golfsão* incapazes de apreciar as possibilidades da existência".

Jacques apreciava as possibilidades da existência. E, depois, naquele movimento febril de homens a suar, a falar uma língua incompreensível, entre *reporters*, taquígrafos, redatores de debates, contínuos, parasitas, agentes de negócios, pedintes com ar triste e mesmo deputados, só deputados eleitos pelos presidentes dos Estados respectivos, não podia deixar de sentir-se superior. Superior, por quê?

Não o sabia, nem o era. Mas assim o fizera a educação e também a herança, desenvolvendo-se num meio propício. Os verdadeiros amigos de Jacques podiam jurar-lhe que qualquer daqueles contínuos era mais útil e mais inteligente. Não o acreditaria. Ele era importante, mais importante, apesar de não ter qualidade alguma superior para compensar as más disposições iguais às de todos os homens, mais às dos da sua condição. E o seu meio, composto afinal de elementos desencontrados da sociedade, desde o jogador titular ao explorador sem escrúpulos, meio de que conhecia as histórias desagradáveis, era o único tolerável e o único possível. O resto não passava de poeira.

Não daria importância ao maior gênio, sem que a sua roda, em grande parte letrada, como ele, não dissesse que esse gênio era mesmo gênio. A roda nunca dizia, mas crismava alguns mortais felizes, o que era uma compensação. Assim, como em nenhum salão, em nenhuma "pensão de artistas", em nenhum dos *clubs* em que seu pai jogava, não ouvira falar do gênio de nenhum deputado, além do Arcanjo e do Inocêncio Guedes, o inexorável recitador do *Smart-Ball*, considerava aquele pessoal inferior. Ele, Jacques Pedreira, condescendia em ir vê-los.

Mas ninguém lhe ligava importância e o discurso era enorme, Jacques resolveu pedir a um continuo que lhe levasse o cartão a Arcanjo.

- Não está.

- Está! Está ali.

- É verdade, não tinha reparado. Mas não posso.

- Por quê?

- A. Ex.<sup>a</sup> está tomando parte no debate.

- Por quem é, leva-me este cartão. O Dr. Arcanjo espera-me.

O continuo tomou o cartão e deu uma porção de voltas pelo recinto, antes. Afinal decidiu-se, e Jacques viu que Arcanjo fazia um gesto de contrariedade, erguia-se. Quando Arcanjo se aproximou, notou que estava palidíssimo.

- Bom dia, há meia hora que o espero.

- Ah! Queres falar comigo?

- Venho para o negócio do Dispensário.

- Que Dispensário?

- Oh! Pareces que estás a brincar. O Dispensário da Irmã Adelaide.

- Desculpa. Temos uma sessão muito importante - fez o outro, dominando a alteração da voz. - Mas hoje é inteiramente impossível. Não temos tempo.

- Ah! bem - disse Jacques, seco.

- É uma pena aborrecer-te, mas tem paciência. Queres que te mande abrir uma das tribunas?

- Não, muito obrigado. Ouvir discursos...

- Às vezes são coisas sérias. Até logo.

E afastou-se. Jacques ficou rubro de cólera. Idiota! Tratara-o evidentemente mal. Por que estava na Câmara? Dava-se então à importância o Arcanjo! Com ele, porém, fiava mais fino. Não poria mais os pés naquele lugar. Contaria a Alice o procedimento do marido. Era inacreditável!

Tão incomodado ficou que voltou imediatamente a casa, imaginando várias vinganças. Entrou direito para os seus aposentos. Atirou o chapéu alto para cima da mesa. E arrancava o *frack*, quando o copeiro entrou com uma carta.

- Trouxeram minutos depois do senhor sair.

Vinha de Alice. Também essa senhora não passava um dia sem escrever. Abriu-a com raiva. E

leu:

"Ele desconfia. Recebeu uma carta anônima, que conta tudo. Salva a situação no momento e deixa, por minha conta o resto. Até à morte..."

- Bolas! - fez Jacques, sentando-se na cama. - Que complicação!

Era como se tivesse recebido uma pranchada no alto da cabeça.

## VI

### *O mais feliz dos três...*

Arcanjo dos Santos não contara com a hipótese de ser enganado quando casara. É uma hipótese que raramente azeda o gesto heróico dos que se decidem a manter as bases da sociedade. Ele trabalhara, esforçara-se, obtivera como prêmio duma vida brilhantemente nula uma linda e rica esposa. Para o seu espírito era a derradeira etapa, a da apoteose da mágica. De então para diante poderia viver bem, apenas com a preocupação do esperanto, do vegetarianismo e de não desagradar ao Grande Chefe, que o fizera deputado. Nada mais simples. Com o esperanto era sócio propagandista, com o vegetarianismo fartava-se de *macédoines* de legumes. Com o Grande Chefe mandava-lhe um presente semanal e votava à sua vontade. Era feliz, integralmente feliz. Mas a felicidade não dura. A carta anônima insultara-o, chamando-lhe de nomes feios, considerando-o um desbriado. Não há homem que se não exacerbe, quando o chamam de desbriado, mesmo tendo a certeza de que o é. Arcanjo não tinha essa certeza. Ficou agitadíssimo. Ia sair. Voltou, foi ao gabinete de trabalho, virgem de trabalho, deixou-se cair numa cadeira, tentou pensar, coordenar idéias sem resultado, ergueu-se, passeou agitado, quis escrever uma carta, apesar de no gabinete não poder deixar de ver quem entrava, chamou o criado algumas vezes.

- A senhora, já veio?

- Ainda não, excelência.

Pedi os jornais, onde encontrou (em todos) o nome da esposa e o nome dele, do outro na primeira página, amarrotou as gazetas, tornou a passear, mandou vir a criada de quarto.

- A senhora disse que voltava para almoçar?

- Sim, excelência. Ela foi ao jardim ver o local para a festa.

Fez um gesto de despedida, lembrou-se de que nunca tinha comprado um revólver. Passou assim duas longas horas. A espera exasperava-o. A carta tomara proporções enormes. Seria de fato? Ela de quem gostava tanto, ela, tão bonita! E tendo tudo, nada lhe faltando! No fundo a revelação irritava-o. Iria brigar, sair dos seus hábitos, arrostar com um enorme ridículo, perder a sua mulherzinha. Como? Tragédia? Sangue? Divórcio o divórcio num casal sem filhos, sendo ela rica?

Era preciso que Alice chegasse imediatamente para a explicação. A explicação! Que horror...

Alice chegou. Vinha abstrata no seu automóvel. Viu-a sentar, por trás da vidraça. Preparou-se como para uma cena tremenda, mas digna. Ao ouvir-lhe os passos na sala próxima, o coração batia-lhe.

- Estás à minha espera? - fez Alice entrando.

- Há duas horas.

- Por quê?

Aquela pergunta natural, feita naturalmente, desconcertou-o. Respondeu esquivo:

- Ora, por quê? Por nada...
- É curioso. Mas não falas a verdade.
- Julgas?
- Juro.
- Então queres saber?
- Pois claro, meu querido.
- Teu querido. Faze favor, deixa de ironias.
- Ironias?...
- Há frases que ofendem, quando não são verdadeiras.

Alice ficou pasma. Não ser verdadeira ela, uma criatura *nature* por excelência. Caminhou para o marido, ofendida sinceramente.

- Dizes que eu minto?
- Pois eu sou lá o teu querido?
- Que bicho te mordeu?
- Que bicho, hem? Um bicho que esmagarei, podes ficar certa.
- Mas falas por enigmas, homem de Deus, dize logo o que tens a dizer.
- Digo que vamos partir, que seja como for, ouviste? nunca me prestarei a um papel ridículo...
- Ridículo?
- Sim, ridículo. E não negues, não negues. Tenho a prova.

Os criminosos e as senhoras inteligentes têm um poderoso *self control*. Aquelas palavras noutra ambiente fariam a perturbação. Alice compreendeu, entretanto, que o perigo estava longe e afastá-lo de todo, imediatamente seria preciso.

- Queres ver que tens ciúme de mim? Provas, provas! Mas perdes. te a cabeça. Onde a prova? Prova de quê? Exijo a prova. É a primeira cena que temos. Será a última. Ah! Este Rio! Bem não queria vir. Mas ou me dás a prova ou não fico mais nem um minuto aqui.

Ela gritava. Arcanjo teve que dizer, indo fechar a porta:

- Fala baixo, olha que escutam.
- Que importa? Hei de falar como quiser! A prova! vamos ver a prova de um crime, que ainda não sei qual seja!

Ele tirou a carta do bolso, estendeu-lha, com uma penosa sensação de ridículo, a sensação de que tinha feito uma enorme tolice. Alice pegou-a febril, leu-a de um jato. Era numa meia dúzia de insultos com péssima ortografia, o seu caso, o nome de Jacques, o escândalo. Ficou um instante, olhando o papel imundo a ver o que devia fazer. Soltar uma gargalhada seria teatral. Achou melhor atirá-la com um gesto de nojo.

- Isto? Mas é vergonhoso o que acabas de fazer, vergonhoso!... Uma carta anônima! Todas as senhoras da sociedade, todos os homens de posição recebem cartas anônimas. Nós estamos na terra da carta anônima. Sabes o que é isto? Inveja. Inveja de ti, da tua felicidade. E deste importância a essa cousa asquerosa! Nem vale a pena defender-me. É idiota. Jacques então, o filho de D. Malvina, uma criança. Que diabo! Tu não és um imbecil. Jacques é tão teu amigo, está sempre conosco. Quando? Onde? Havias de descobrir um gesto ao menos que denotasse mais do que amizade... Pela mesma razão serei amanhã amante do Chagas, do Dória, do marido da Frias. Francamente, sempre fiz outro juízo de ti.

Falava alto, agitada.

- Mas, Alice...

- Cale-se, cale-se ao menos. O senhor dá-me inteira liberdade, sabe que eu gosto de ser admirada. O Jacques é, entretanto, como de casa. Nunca pensei, meu Deus, nunca! Pobre rapaz! De resto, o senhor naturalmente seguiu-me...

Ela disse a frase que desde o começo lhe apertava o coração com um esforço enorme. O marido ergueu-se.

- Oh! Alice, isso nunca!

- Tinha a carta no bolso, podia acompanhar-me.

- Recebi-a ao sair há pouco. Sou incapaz.

- Oh! oh! conheço-o bem. Guardou a infâmia, acompanhou-me dias e dias e não achando o que dizer, veio lançar-me uma injúria sem fundamentos.

- Mas não, Alice, não digas tolices...

- É triste, é muito triste, depois de tão pouco tempo de casada... Se papai soubesse!

Caiu numa poltrona. Arrancou o chapéu num gesto de desespero. O marido, lamentável, procurava palavras.

- Não, tudo, menos pensares que te segui.

- Mas se acreditaste nesta infâmia!

- Quem te disse que acreditei?

- Acreditou, acreditou...

E de repente prorrompeu em soluços. Os seus olhos vermelhos choravam. Era uma verdadeira artista. As mulheres são assim: nascem feitas. As que têm o temperamento de honestas, nunca aprendem a mentir. As que, embora boas, são mais lealmente filhas d'Eva, não precisam de curso, de aulas, de experiência. Revelam-se no campo de batalha de chofre, generalíssimas. Alice era encantadora, boa, gostava mesmo de Arcanjo, como em geral gostava dos homens, sentia que o pobre marido sofresse, talvez o enganasse mais pela cabeça do que pelo coração, mas mentia, mentia sempre e naquele momento gozava em se ver acreditada, queria vê-lo submetido. Arcanjo, nervosíssimo com as lágrimas, aproximou-se, afagou-lhe os cabelos.

- Não chores, não chores... que é isso?

Os soluços redobram. Então curvou-se, falando baixo, comovido, com as palavras que se têm para as crianças, com o gesto que para com elas temos, quando as consolamos de males imaginários, beijando-a, animando-a.

- Meu bem... então, então... seu maridinho... não foi por mal. Enfim, compreendes, eu também fiquei fora de mim... Bom, acabou-se, acabou-se, dê um beijo no seu marido.

- Não... não, nunca mais!

- Louquinha, vamos, um beijo...

A vida na sua essência é feita de palavras que se não dizem. Nas cenas mais sérias de uma existência, há uma série de cousas que se sentem, outras que se esboçam, outras, cujas palavras erram nos lábios sem serem pronunciadas. O resto é o que se fala. Quase sempre o inútil. Há homens que morrem ignorantes do seu próprio eu, porque nunca tiveram a coragem de dizer alto o que talvez pudessem ter pensado. Arcanjo pensava muita coisa de modo vago. Era raiva, medo de escândalo, credulidade, desejo, exasperação, luxúria, pena, amor, vontade física de se afirmar. Viu-se de joelhos a acariciar a esposa, que soluçava baixinho; beijou-lhe as mãos, beijou-a no colo por cima do vestido, beijou-a na testa, beijou-a na boca, afogando-lhe o não de recusa. E aquele beijo, num caos de dúvida vaga, foi decerto o melhor beijo da sua vida de casado.

Ela talvez o tivesse sentido um pouco - que o amor é superior sempre. Depois ergueu-se como uma convalescente, macerada, pisada, triste. A cena de minutos antes passava a velha recordação de um pesadelo, tão afastada estava.

- Almoças?

- Não sei.

- Deixa arranjar-me. Estou sem apetite.

- Eu também.

- Vais à Câmara?

- Tenho de ir.

- Até já.

- Adeus, meu amor.

Como Alice estava macia e boa! Foi vagarosamente, com um gesto de saudade desolada até o seu toucador. E aí, ainda vestida, sentou-se, escreveu três ou quatro linhas a Jacques, mandou-as pela criada de quarto, vestiu-se só, pensando em Jacques, na boca de Jacques, no moreno rosa da sua face glabra, mais sua do que antes. A entrava da carta excitava-a. O amor é um *sport*.

Arcanjo foi à Câmara. Era preciso votar uma ordem do dia cheia de concessões e de pensões. As concessões passariam todas com pedidos de grandes influências políticas, que de algumas seriam mesmo futuros diretores. As pensões, só passariam duas para senhoras bem de fortuna mas também com esplêndidas relações entre os situacionistas. As outras, as das viúvas pobres e sem conhecimentos seriam cortadas. O país precisava fazer economias. Ele coitado, ia acabrunhado. Parecia-lhe, vagamente, que toda gente era autora da carta e por conseqüência, que toda gente sabia, desconfiava, caluniava-o, insultava-o. A frase mais vazia parecia-lhe uma alusão clara, definitiva. Meteu-se no recinto, evitando conversas, a fingir que ouvia o discurso de um célebre orador empolado e soporífico. Quando Jacques apareceu, viu-o logo. Mas fingiu não o ver. Um estado esquisito, como se lhe estivessem apertando o epigastro e torcendo a nuca, dava-lhe uma raiva surda contra o rapaz. Achou-o tolo com a sua elegância; achou-o idiota, fingindo-se importante no seu anonimato; analisou-lhe a insignificância de jovem pavão, com desprezo, com mordacidade, com ódio. E sabendo-se esperado, vingava-se, vingava-se, não sabia bem de quê, mas deliciosa, lenta, enebriantemente. Ao ouvir o contínuo, estava resolvido

a não falar. O homem de sociedade, porém, dominou. Veio. Veio e foi pela primeira vez com aquele adolescente, o superior, o maior, o mais velho, o homem. Estava aliviado. Terminadas as votações, voltou a casa, reintegrado. Se alguém lhe dissesse alguma frase dúbia, reagiria a bofetada. Ninguém lha disse. Alice recebeu-o ainda mais convalescente. Passara a tarde inquieta e ao mesmo tempo desejosa de saber quem teria tido a lembrança infame da carta. Jacques não lhe mandara dizer nada e pela primeira vez, vendo o marido entrar da rua, sem uma comissão sua, indagou:

- Então?

Ele esquivou-se:

- Votações, um aborrecimento...

- E eu que nunca fui à Câmara!

- Fazes o que alguns colegas conseguem.

- Deve ser divertido.

- E cacete. Saíste?

- Oh! não. Fiquei para ai, lendo um romance. O dia está tão úmido! Mas vamos, à noite, à casa do Pedreira.

- Para quê? - fez ele brusco.

- Oh! filho, a festa de caridade! Já nem te lembras que sou de várias comissões. E tu também. Temos reunião do *comitê* hoje.

Ele não disse nada. Estavam sós, era um *tête-a-tête*. Pela primeira vez, depois de chegar ao Rio, tinham um *tête-a-tête*, sem nada para dizer, com Alice tão submissa.

- Por que não vais ao chá do Gouveia?

- Vai tu. Eu, não.

- Prefiro ficar.

- Ficaremos os dois. Um *five-o'clock* a sós. Queres?

Ele sorriu, vendo-a retornar à menina. Há quanto tempo não tomavam chá os dous sós! Desde o Rio Grande, chá com torradas à noite, enquanto o sogro estancieiro bebia erva... Ficou. Leram os jornais da tarde juntos. Um deles esquecera o nome de Alice na notícia da grande festa de caridade. Era oposicionista. Jantaram sós, como quem come depois de uma viagem. Não tinham comido o dia inteiro. Alice já estava vestida para ir aos Pedreira. À sobremesa pediu para dar antes um passeio pela praia, no automóvel.

- Faz uma noite tão úmida.

- Que tem? É fechado.

Foram. Eram oito horas da noite e a Beira-Mar estava deserta, angustiosamente deserta no banho de luz dos combustores e das lâmpadas elétricas. De quando em quando passava um automóvel rápido ou uma vagarosa tipóia com gente suspeita arrulhando no silêncio o amor que por ser a hora não deixa - nem mesmo esse! - de ser doloroso. Todo aquele deserto parecia crescer sob a chuva deslumbrante das luzes. Era como se do céu um turbilhão de estrelas se despegasse e levemente viesse pousar por aqueles postes, fazendo uma colossal apoteose de luz. A distância as luzes eram brancas, eram verdes, eram azuis, eram de um verde pálido, de

um jalde apagado, e reunidos aos grupos de cinco e três, recamavam as largas avenidas de um dossel de pedrarias irradiantes, de um estranho desenho feito de raios de astros. Casas graves e fechadas, palácios que pareciam *villas* de Florença estragadas pelo arranjo de arquitetos bisonhos, aumentavam a tristeza fúnebre. Em algum banco esquecido, um labrego, um par, o vazio.

- É tão bonita a luz.

- Lindo.

Ela reclinara-se. Ele, naturalmente, pegara-lhe na mão quente. Era a primeira vez que naquele automóvel o marido tomara uma deliberação tão pouco na moda para os maridos. Na casa do Dr. Justino Pedreira, quando chegaram, já a sessão começara. Estavam todos, inclusive Godofredo de Alencar, que precisamente gabava um *grill-room* montado com estrondo na Avenida, por uma dama das melhores relações do meio - como proprietária de uma pensão em Petrópolis, onde se aboletavam diplomatas.

- Esplêndido. Parece o Ritz, o Rumpelmeyer - dizia o literato, que nunca estivera nem no Ritz, nem no Rumpel, repetindo frases da crônica do dia seguinte.

- E resistirá, meu caro?

- É verdade, neste país de selvagens...

- Somos nós, apenas.

- E nós não vamos todos os dias...

- Ah! Eu que estava com o Dr. Inocêncio Guedes, logo disse: não dura um mês!

O inexorável e incontente recitador do *Smart-Ball* sorriu satisfeito.

- Com efeito. Eu também disse. Outro meio, a Argentina, Montevidéu...

- É, é uma vergonha.

Alice procurava descobrir Jacques. Jacques estava a uma das janelas, conversando alegremente com a Viuvinha Pereira e Belmiro Leão. O jovem conquistador avançou. Ele também, naturalmente. Se o casal viera, as suspeitas tinham declinado. Estava soberbo de indiferença. Ao receber o golpe da carta de Alice, ficara meio aturdido. Mas o adultério era das muitas coisas que julgava sem conseqüências. Apanhado em flagrante, fugiria. Interrogado, mentiria por mais provas que houvesse. Não escrevera, porque custava escrever e seria pouco prudente mesmo. Esperou. Sangue, tiros, palavrões, só na gente baixa. Não havia receio. Gente do seu meio vingava-se de outra maneira. Se Arcanjo tivesse acalmado, teria por ele um pouco mais de consideração e continuaria com a Alice, segundo as disposições do marido. Estava acostumado com o caso por vê-lo praticar; estudara-o como alguns estudam o inglês sem mestre. E o adultério sempre foi mais fácil do que o inglês. Só haveria uma dificuldade: largar Alice. Na sua roda ouvira muita vez a frase de Bruno Sá:

Quando tenho uma amante de cá, antes de começar já estou a ver como hei de acabar.

De resto, Arcanjo tinha responsabilidades e Alice era um pouco adida ao núcleo. Estendeu a mão e foi logo a dizer:

- Ainda há instante falávamos mal de vocês.

- De nós?

- Sim, mamãe indagava o que se tinha feito pela política.

- E então?

- Pergunte a seu marido. Arcanjo estava tão preocupado que quase me recebe mal.

- Não é possível.

- Ora! Queria até que eu assistisse a sessão!

As damas e os cavalheiros sorriam. Arcanjo estava meio acanhado. Seria verdade? Seria mentira? Mas não perdeu o seu ar de superior a Jacques.

- Estes meninos pensam que a vida é só brincar...

Dous dias antes não teria tido tanta coragem, Jacques nunca fora tratado assim, senão por seu pai. Mas tinha culpa e achava-se na obrigação de ser gentil, meio vencido. Com o seu temperamento, tratá-lo d'alto era exasperá-lo, mas dominá-lo. Às duas horas da tarde achava aquele sujeito um imbecil que precisava taponas. As quatro estava sem opinião. As nove já não fazia um mau juízo de Arcanjo. No dia seguinte entregar-se-ia sem sentir, como se entregara a Jorge de Araújo, a Godofredo, ao Barão Belfort. O pobre Arcanjo estava nas mesmas condições de fraqueza de vontade, como de resto a maioria dos presentes, mais ou menos os doentes de impotência psíquica generalizada. Apenas o decorrer dos fatos dera-lhe a superioridade. Foi levado a ela num tremor de desastre. O outro aceitou-o. Ficariam sempre assim; ele, a mulher e Jacques.

Quem ganhara de resto com o decorrer dos fatos fora ele. O marido, em noventa e nove vezes sobre cem, é o mais feliz dos três. A mulher, por mais indiferente, trata-o bem porque o marido é uma tabuleta. O amante ainda melhor, porque teme o futuro onde se anunciam em escala desagradável desde a violência, até a responsabilidade. Respeitado, descansado, o marido é a autoridade e o primeiro, e em lugar de ser um pobre escravo a satisfazer a sua dona, é o cavalheiro desveladamente conservado e prestigiado pela esposa e pelo seu maior amigo.

- Brincar? - fez Jacques. - Você faz muito pouco na minha capacidade. Verá quando começarmos. Esvazio a carteira dos seus companheiros.

Fê-lo sentar, ficou um instante ainda prestando atenção à discussão. Tratava-se de arranjar bandas de música e de forçar Godofredo a fazer uma conferência<sup>10</sup> sobre a caridade. Era uma reunião animada. Estavam todos dispostos como Jacques a assaltar a bolsa alheia em proveito dos pobres. Até mesmo a gentil Viuvinha Pereira, sempre tão generosa para os ricos, até mesmo Mme. Zurich, Mme. Gouveia, as irmãs inimigas, ambas a disputar o bastão da beleza.

Godofredo ia sair. Aproveitou para partir também. Alice, em palestra com Belmiro Leão, deu-lhe menos importância do que de costume.

O marido prometeu que no dia seguinte apresentaria os deputados para a colheita. D. Argemira marcou a hora.

- Não, o Dr. Arcanjo está na Câmara, às duas.

- Às ordens, minha senhora.

- E você, Jacques, passa lá por casa antes, para as últimas instruções.

A ilustre dama queria apenas saber do que ocorrera. Jacques despediu-se, saiu. Ainda no portão Godofredo rebentou.

- Querem teatro, conferência, tudo grátis.

- É uma festa de caridade.

- Caridade! Eu já assisti a dez festas de caridade para a construção do altar-mor de Nossa Senhora da Conceição. Mas essas senhoras não repararão que é demais?

Depois no *tramway*:

- Estive hoje no escritório do velho.